

**MICHELLE OBAMA**

**MINHA  
HISTÓRIA**  
*PARA JOVENS LEITORES*

Tradução

DÉBORA LANDSBERG, DENISE BOTTMANN,  
LÍGIA AZEVEDO E RENATO MARQUES

**SEGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

*A todas as pessoas que me ajudaram a me  
tornar quem sou:*

*as pessoas que me criaram — Fraser,  
Marian, Craig — e minha enorme família  
estendida,*

*meu grupo de mulheres fortes que sempre  
me anima,*

*minha equipe leal e dedicada que sempre  
me deixa orgulhosa.*

---

*Aos amores da minha vida:*

*Malia e Sasha, minhas duas gotinhas  
preciosas, minhas razões de viver,*

*e, por fim, Barack, que sempre me  
prometeu uma jornada interessante.*

# NOTA AOS LEITORES

QUANDO TEVE INÍCIO O PROCESSO DE ESCRITA DESTA livro, eu não sabia ao certo qual forma ele assumiria, muito menos qual seria o título. Mas uma coisa eu sabia: que queria ser honesta — e não foi diferente com esta edição para jovens leitores. Meu irmão, Craig, e eu crescemos no South Side de Chicago das décadas de 1960 e 1970, e nossos pais, Fraser e Marian Robinson, sempre foram muito diretos conosco. Eles nunca douravam a pílula nem apresentavam sua realidade de forma distorcida, porque sabiam que éramos capazes de lidar com a verdade. Quero tratar vocês com esse mesmo respeito.

Por isso, prometo contar minha história em toda a sua confusa glória — desde a vez em que tive dificuldade de ler uma palavra diante de toda a turma do jardim de infância até meu primeiro beijo, as inseguranças que sentia enquanto crescia, o caos de uma campanha eleitoral e a estranha experiência de apertar a mão da rainha da Inglaterra.

Mas espero que vocês não se deixem levar pelo glamour da Casa Branca, porque as partes mais significativas da minha história não são os bailes de gala nem os jantares oficiais, e sim as pequenas coisas: o sorriso do meu avô quando botava seu disco preferido para tocar, o cheiro da nossa casa quando minha mãe fazia a faxina de primavera, o

ruído do raspador de gelo no vidro do carro no auge do inverno de Chicago.

Durante o processo de escrita, eu me dei conta de que nenhuma recordação é pequena demais. Cada partezinha da nossa história tem significado. Algumas lembranças podem causar uma pontada de dor, em especial aquelas relacionadas à juventude. Até hoje sinto o constrangimento de quando fracassei diante de todos os meus colegas de classe quando pequena. Até hoje sinto meu estômago se revirar porque duvidaram de mim. E até hoje sinto a dor e o vazio de ter perdido pessoas muito próximas. Em algum momento, todos experimentamos um tipo de dor que não conseguimos curar sozinhos.

Mas muitas vezes esses pontos sensíveis — aqueles que mais tentamos esconder — são as partes de nós mesmos que mais vale a pena compartilhar. Desconforto e conflito interno são sinais de que estamos fazendo o difícil trabalho que envolve descobrir as mais importantes verdades sobre nós mesmos. Quando olho para trás, noto que foi graças a esses momentos de grande dificuldade que encontrei a força necessária para promover uma mudança ou para buscar com mais determinação quem eu queria ser.

Esse não costuma ser o tipo de coisa que nos sentimos confortáveis em compartilhar. Em geral, nos preocupamos mais com o que eu gosto de chamar de estatísticas: os resultados de provas, as conquistas esportivas, a marca de roupa que a família tem dinheiro para comprar. Mas, na verdade, o que temos de mais importante é a nossa história — toda a nossa história, incluindo aqueles momentos em que nos sentimos um pouco vulneráveis. Muitas vezes, é compartilhando essas partes de nossa história que vemos beleza não apenas em nossa própria jornada, mas também na do outro.

Assim, espero que, ao ler minha história, você pense na sua também — porque é o melhor presente que você poderia receber. Os baques e machucados, as alegrias, os triunfos e as gargalhadas, tudo isso junto faz de você quem você é. E quem você é não é algo estático, imutável. Muda todo dia, todo ano. Nenhum de nós sabe que rumo a vida vai tomar. Essa é a questão da nossa história. E, assim como você, eu ainda tenho muito da minha história para viver.

# PREFÁCIO

*Março de 2017*

QUANDO EU ERA CRIANÇA, TINHA SONHOS SIMPLES. Queria um cachorro. Queria uma casa com escada — dois andares para uma família. Por algum motivo, queria uma peruca de quatro portas em vez do Buick de duas portas que era a menina dos olhos do meu pai. Eu falava para as pessoas que, quando crescesse, seria pediatra. Por quê? Porque adorava crianças pequenas e logo aprendi que a resposta era agradável aos ouvidos dos adultos. *Ah, vai ser médica! Boa escolha!* Na época, eu usava maria-chiquinha e vivia mandando no meu irmão mais velho, e, não importava o que acontecesse, sempre tirava 10 na escola. Era ambiciosa, embora não soubesse muito bem qual era minha meta. Hoje em dia penso que essa é uma das perguntas mais inúteis que um adulto pode fazer a uma criança — *O que você quer ser quando crescer?* Como se a certa altura você se tornasse algo e ponto-final.

Até agora, fui advogada. Fui vice-presidente de um hospital e diretora de uma ONG que ajuda jovens a construírem uma carreira significativa. Fui uma estudante negra da classe trabalhadora em uma faculdade de elite de maioria branca. Fui a única mulher, a única afro-americana, em todos os tipos de ambientes. Fui a noiva, a mãe estressada de uma recém-nascida, a filha consternada pelo luto. E até

pouco tempo atrás fui a primeira-dama dos Estados Unidos da América. Foi um desafio que me tornou mais humilde, me estimulou e me retraiu, às vezes tudo ao mesmo tempo. Só agora estou começando a processar o que aconteceu nesses últimos anos — do instante, em 2006, em que meu marido começou a falar em concorrer à presidência até o momento em que estamos agora. Foi uma jornada e tanto.

Quando se é a primeira-dama, você enxerga os Estados Unidos em seus extremos. Fui a festas beneficentes em casas que mais pareciam museus de arte, casas em que as pessoas têm banheiras feitas de pedras preciosas. Visitei famílias que perderam tudo no furacão Katrina e choravam de gratidão só por terem uma geladeira e um fogão funcionando. Conheci pessoas fúteis e falsas, mas também outras — professores, esposas de militares e tantas mais — cujas almas me surpreenderam pela imensidão e pela força. E conheci crianças — muitas, no mundo inteiro — que me fizeram rir e me encheram de esperança e, felizmente, conseguiam esquecer meu título depois que começávamos a remexer a terra de um jardim.

Já fui considerada a mulher mais poderosa do mundo e apontada como uma “mulher negra raivosa”. Queria perguntar às pessoas o que elas não gostavam em mim — o fato de ser mulher, negra ou “raivosa”? Sorri para fotos com gente que chamava meu marido de nomes horríveis em rede nacional, mas que mesmo assim queria uma lembrança dele para exibir. Algumas pessoas questionaram tudo a meu respeito na internet, até se sou homem ou mulher. Um congressista americano já fez piada da minha bunda. Fui magoada. Fiquei furiosa. Mas, acima de tudo, tentei rir dessas coisas.

Ainda não sei muito sobre os Estados Unidos, sobre a vida, sobre o que o futuro trará. Mas eu me conheço. Meu pai, Fraser, me ensinou a trabalhar duro, rir com frequência e cumprir com a minha palavra. Minha mãe, Marian, me ensinou a pensar com a minha própria cabeça e a usar minha voz. Juntos, no nosso apartamento apertado no South Side de Chicago, eles me ajudaram a enxergar o valor da nossa história, da minha história, da história mais ampla deste país. Mesmo quando não é bonita ou perfeita. Mesmo quando é mais real do que você gostaria que fosse. Sua história é o que você tem, o que sempre terá. É algo para se orgulhar.

Durante oito anos morei na Casa Branca, lugar com um número incontável de escadas — além de elevadores, uma pista de boliche e um florista. Dormia em uma cama com lençol de linho fino. Nossas refeições eram preparadas por uma equipe de chefs de nível internacional e servidas por profissionais mais bem treinados do que os de qualquer restaurante ou hotel cinco estrelas. Agentes do Serviço Secreto, com seus fones de ouvido, suas armas e caras sérias, ficavam diante de nossas portas, fazendo o possível para manter distância da vida particular da nossa família. De certo modo, acabamos nos acostumando com isso — com a estranha grandiosidade da nossa nova casa e também com a presença constante, embora silenciosa, de outras pessoas.

Era na Casa Branca que nossas duas meninas jogavam bola nos corredores e subiam nas árvores do Gramado Sul. Era onde meu marido, Barack Obama, se sentava tarde da noite, lendo informes e rascunhos de discursos na Sala dos Tratados, e onde Sunny, um dos nossos cachorros, às vezes fazia cocô no tapete. Eu podia ficar na Varanda Truman observando os turistas posando com seus paus de



selfie e espiando pela cerca de ferro, tentando imaginar o que acontecia lá dentro. Em certos dias me sentia sufocada pelo fato de nossas janelas precisarem ficar fechadas por segurança, de que eu não podia tomar um ar fresco sem gerar alvoroço. Havia momentos em que ficava boquiaberta com as magnólias brancas que floresciam do lado de fora, a agitação cotidiana dos assuntos do governo, a grandiosidade das boas-vindas militares. Havia dias, semanas, meses em que odiava política. E havia momentos em que a beleza do país e de seu povo me deixava tão absorta que eu sequer conseguia falar.

E então acabou. Mesmo já esperando por isso, mesmo que as últimas semanas tenham sido cheias de despedidas emotivas, o dia em si ainda é um borrão. A mão sobre a Bíblia; o juramento repetido. A mobília de um presidente é retirada enquanto a do outro chega. Closets são esvaziados e reabastecidos em poucas horas. De repente, há novas cabeças em novos travesseiros — novas personalidades, novos sonhos. E quando termina, quando você sai pela última vez de um dos endereços mais famosos do mundo, é preciso, sob muitos aspectos, se encontrar outra vez.

Então vamos começar por aqui, por uma coisinha que aconteceu não faz muito tempo. Eu estava na casa de tijolos vermelhos para a qual nos mudamos recentemente. Nossa casa nova fica a cerca de três quilômetros da antiga, em uma rua residencial tranquila. Ainda estamos nos acomodando. Na sala de estar, nossos móveis foram dispostos como na Casa Branca. Temos recordações espalhadas pela casa, nos lembrando de que foi tudo verdade — fotos das nossas férias em família em Camp David, vasos feitos à mão por estudantes indígenas, um livro autografado por Nelson Mandela. O esquisito dessa noite foi que não havia ninguém em casa. Barack estava

viajando. Minha filha mais nova, Sasha, tinha saído com os amigos. Minha filha mais velha, Malia, estava morando e trabalhando em Nova York, antes de começar a faculdade. Éramos só eu, nossos dois cachorros e uma casa silenciosa, vazia, algo que eu não presenciava havia oito anos.

E eu estava com fome. Saí do quarto e desci a escada com os cachorros me seguindo de perto. Na cozinha, abri a geladeira. Achei um saco de pão, peguei duas fatias e as coloquei no forno elétrico. Abri o armário e peguei um prato. Sei que é esquisito, mas esse momento — de tirar um prato do armário da cozinha sem antes alguém insistir em pegá-lo para mim e ficar parada sozinha vendo o pão tostar no forninho — me pareceu o que há de mais próximo de uma retomada da minha antiga vida. Ou talvez seja minha nova vida começando a se anunciar.

No fim das contas, não fiz só uma torrada; fiz queijo quente, pondo as fatias de pão no micro-ondas e derretendo uma massa pegajosa e gordurosa de cheddar no meio delas. Depois, levei o prato para o quintal. Não precisava dizer a ninguém aonde estava indo. Simplesmente fui. Estava descalça, de shorts. O frio do inverno havia enfim se dissipado. O ar cheirava a primavera. Sentei-me na escadinha da varanda, sentindo o calor de um dia inteiro de sol ainda na ardósia sob meus pés. Um cachorro começou a latir em algum lugar distante, e meus cachorros prestaram atenção, confusos por um instante. Foi então que me passou pela cabeça que aquele era um barulho surpreendente para eles, pois não tínhamos vizinhos, muito menos cachorros vizinhos, na Casa Branca. Para eles, tudo era novidade. Enquanto os cães exploravam o quintal, eu comia meu queijo quente no escuro, me sentindo sozinha da melhor maneira possível. Eu não

estava pensando nos guardas armados a menos de cem metros de mim, no posto de comando construído especialmente para a nossa garagem, ou no fato de que ainda não posso andar na rua sem seguranças. Não estava pensando no novo presidente nem no antigo presidente.

Na verdade, estava pensando que dali a alguns minutos eu voltaria para dentro de casa, lavaria o prato na pia e iria para a cama, e talvez abrisse a janela para sentir o ar da primavera — que glória seria! Também estava pensando que aquele sossego me oferecia a primeira oportunidade verdadeira de pensar em muitas coisas. Quando era primeira-dama, eu chegava ao fim de uma semana movimentada precisando que me lembrassem como ela havia começado. Mas a noção de tempo está começando a ficar diferente. Minhas meninas, que chegaram à Casa Branca com bonecas, uma cobertinha de estimação e um tigrinho de pelúcia chamado Tiger, agora são adolescentes, jovens com planos e vozes próprias. Meu marido está se adaptando à vida depois da Casa Branca, recuperando o fôlego. E aqui estou eu, nesse lugar novo, com vontade de falar muita coisa.

# A história começa



Passei boa parte da infância escutando o som do esforço. Chegava a mim sob a forma de música ruim, ou pelo menos amadora, atravessando as tábuas do assoalho do meu quarto — o *plim-plim-plim* dos alunos sentados no andar de baixo, diante do piano da minha tia-avó Robbie, aprendendo as escalas devagar e com muitos erros no caminho. Minha família vivia no bairro South Shore, em Chicago, em uma construção de tijolos que era de Robbie e de seu marido, Terry. Meus pais alugavam o apartamento do segundo andar e Robbie e Terry moravam no primeiro. Robbie era tia da minha mãe e foi muito generosa com ela ao longo dos anos, mas comigo era um terror. Empertigada e séria, ela dirigia o coro da igreja local e também era a professora de piano oficial da nossa comunidade. Usava sapatos confortáveis e mantinha os óculos de leitura em uma correntinha em volta do pescoço. Tinha um sorriso maroto, mas, ao contrário da minha mãe, não gostava de sarcasmo. Às vezes, eu a ouvia dando bronca nos alunos por não terem praticado o suficiente ou até nos pais, por chegarem atrasados com os filhos para as aulas.

— Boa noite! — exclamava ela no meio da tarde, no mesmo tom exasperado que outra pessoa diria “Ah, pelo amor de Deus!”. Parecia que poucos conseguiam corresponder às expectativas de Robbie.

Mas o som das pessoas tentando tocar piano virou a trilha sonora da nossa vida. Havia plim-plim à tarde, plim-plim à noite. As senhoras da igreja às vezes iam ensaiar os hinos. Segundo as normas de Robbie, crianças que faziam aulas de piano só podiam trabalhar uma música por vez. Do meu quarto, eu as ouvia tentando, notas e mais notas incertas, conquistar a aprovação dela, passar de uma canção de ninar mais fácil para outra mais difícil, mas só depois de inúmeras tentativas. A música nunca era irritante, apenas persistente. Galgava a escada que separava nosso espaço do de Robbie. Entrava pelas janelas abertas no verão, acompanhando meus pensamentos quando eu brincava com as minhas Barbies ou construía pequenos reinos com bloquinhos de montar. O único intervalo era quando meu pai chegava do turno matinal na estação de tratamento de água da cidade e sintonizava na TV um jogo de beisebol dos Cubs, aumentando o volume o suficiente para não ouvir o piano.

Era o finzinho da década de 1960 no South Side de Chicago. Os Cubs não eram ruins, mas também não eram bons. Eu me sentava no colo do meu pai, na cadeira reclinável dele, e o ouvia contar como os Cubs estavam se saindo ou dizer que Billy Williams — que morava perto da nossa rua — dava ótimas tacadas no lado esquerdo da base. Fora dos estádios de beisebol, os Estados Unidos estavam no meio de uma mudança gigantesca e incerta. Os Kennedy tinham morrido. Martin Luther King Jr. fora assassinado em uma sacada em Memphis, desencadeando motins país a fora, inclusive em Chicago. A Convenção Nacional Democrata de 1968 se transformou em um banho de sangue quando a polícia atacou os manifestantes contrários à Guerra do Vietnã com bastões e gás lacrimogêneo em Grant Park, a uns quinze quilômetros da nossa casa. Nesse ínterim, famílias brancas deixavam a

cidade e iam para os subúrbios, atraídas pela promessa de escolas melhores, mais espaço e provavelmente mais brancura também.

Na verdade, não absorvi nada disso. Eu era apenas uma criança, uma menina que brincava com Barbies e bloquinhos de montar, com os pais e com um irmão mais velho que dormia sempre com a cabeça a um metro da minha. Minha família era o meu mundo, o centro de tudo. Minha mãe me ensinou a ler cedo — me levava à biblioteca pública e se sentava a meu lado enquanto eu pronunciava as palavras em cada página. Todo dia meu pai ia trabalhar com o uniforme azul de funcionário municipal, mas à noite nos mostrava o que era amar o jazz e a arte. Quando menino, ele teve aulas no Instituto de Arte de Chicago, e no ensino médio pintava e esculpia. Nessa época também foi nadador e boxeador, competindo pela escola. Quando adulto, tornou-se fã de todos os esportes televisionados, de golfe profissional à Liga Nacional de Hóquei. Gostava de ver pessoas fortes se sobressaírem. Quando meu irmão, Craig, se interessou por basquete, meu pai passou a colocar moedas na moldura da porta da cozinha, incentivando-o a saltar para pegá-las.

Tudo o que tinha importância ficava a no máximo cinco quarteirões dali — meus avós e primos, a igreja na esquina onde frequentávamos a escola dominical sem muita regularidade, o posto de gasolina onde minha mãe me mandava comprar um maço de cigarros, e a loja de bebidas, que também vendia pão, bala barata e galões de leite. Nas noites quentes de verão, Craig e eu cochilávamos ao som dos jogos de softball da liga adulta que aconteciam no parque público próximo dali, o qual visitávamos de dia para subir no trepa-trepa do parquinho e brincar de pega-pega com as outras crianças.

Craig é menos de dois anos mais velho que eu. Ele tem o olhar afável e o jeito otimista do meu pai, e a tranquilidade da minha mãe. Sempre fomos próximos, em parte graças à lealdade constante e natural que ele pareceu sentir pela irmã caçula desde o início. Temos uma foto antiga da família, de nós quatro sentados no sofá, minha mãe sorridente me segurando no colo, meu pai sério e orgulhoso com Craig no colo dele. Estamos vestidos para ir à igreja ou talvez a um casamento. Eu tinha uns oito meses, uma bebê de cara fechada e rosto gorducho, de fralda e vestido branco passado, pronta para escapar das garras da minha mãe, o olhar fixo na câmera como se fosse comê-la. A meu lado está Craig, todo arrumado de gravatinha-borboleta e paletó, a expressão séria. Ele tinha dois anos e já era o retrato da cautela e da responsabilidade fraternal — o braço esticado até o meu, os dedos fechados em torno do meu punho gordinho em um gesto protetor.

Na época em que a foto foi tirada, morávamos no mesmo andar dos meus avós paternos em Parkway Gardens, um conjunto habitacional de prédios modernos a preço acessível no South Side de Chicago. Construído na década de 1950, tinha o intuito de amenizar a escassez de moradia para famílias negras da classe trabalhadora depois da Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, ficaria deteriorado sob o jugo da pobreza e da violência das gangues, virando um dos lugares mais perigosos da cidade. Muito antes disso, porém, quando eu era pequena, meus pais — que se conheceram na adolescência e se casaram com vinte e poucos anos — aceitaram a oferta de se mudar alguns quilômetros mais ao sul, para a casa de Robbie e Terry, que ficava numa área mais bacana.

Na Euclid Avenue, éramos duas famílias vivendo sob um teto não muito grande. A julgar pela planta, o segundo andar provavelmente



fora projetado para uma ou duas pessoas, mas nós quatro achamos um jeito de caber ali. Meus pais dormiam no único quarto, enquanto Craig e eu dividíamos uma área mais ampla que imagino ter sido projetada como sala de estar. Mais tarde, quando crescemos, meu avô materno — Purnell Shields, um apaixonado por carpintaria, apesar de não muito habilidoso — levou uns painéis de madeira baratos e improvisou uma divisória que separava o ambiente em dois espaços semiprivados. Acrescentou uma porta sanfonada de plástico a cada ambiente e criou uma pequena área comum na frente, onde guardávamos brinquedos e livros.

Eu adorava meu quarto. Tinha espaço suficiente para minha cama de solteiro e uma escrivaninha estreita. Deixava meus bichinhos de pelúcia na cama, arrumando todos meticulosamente em volta da minha cabeça à noite para me reconfortar. Do outro lado da parede dormia Craig, sua cama junto ao painel, paralela à minha. A divisória era tão fina que conseguíamos conversar deitados na cama, muitas vezes jogando uma bola de meia de um lado para outro pelo vão de 25 centímetros entre a divisória e o teto.

Tia Robbie, por sua vez, fazia de sua parte da casa um museu, a mobília coberta por plástico protetor, um material frio que grudava nas minhas pernas descobertas quando eu tinha coragem de me sentar. As prateleiras eram cheias de bibelôs de porcelana que não podíamos tocar. Eu deixava minha mão pairar sobre um conjunto de poodles de vidro com expressões dóceis — uma mãe de aparência delicada e três filhotes minúsculos — e depois a retirava, com medo da ira de Robbie. Quando não havia aula de piano, o primeiro andar era tomado por um silêncio mortal. A TV e o rádio nunca eram ligados. Não sei nem se os dois conversavam muito ali embaixo. O nome

completo do marido de Robbie era William Victor Terry, mas por alguma razão só o chamávamos pelo último sobrenome. Terry era como uma sombra, um homem de aparência distinta que usava terno completo todos os dias da semana e basicamente não falava nem uma palavra.

Passei a considerar o andar de cima e o de baixo dois universos diferentes. No andar de cima, fazíamos o maior barulho sem nos preocupar. Craig e eu jogávamos bola e corríamos pelo apartamento. Borrifávamos lustra-móveis no assoalho de madeira do corredor para deslizar com as meias, muitas vezes batendo nas paredes. Lutávamos boxe na cozinha, usando luvas que meu pai nos dera de Natal junto com instruções personalizadas de como dar um jab certo. À noite, em família, jogávamos jogos de tabuleiro, contávamos histórias e piadas e escutávamos discos do Jackson 5. Quando ficava insuportável para Robbie, ela ia até o interruptor e ficava acendendo e apagando a luz da escada que compartilhávamos e que também controlava a lâmpada do corredor do segundo andar — era seu jeito educado de pedir que parássemos com o barulho.

Robbie e Terry eram mais velhos. Cresceram em outra época, com preocupações diferentes. Viram coisas que nossos pais não viram — coisas que Craig e eu, crianças que éramos, nem imaginávamos. Essa é uma versão do que minha mãe dizia quando nos irritávamos com o mau humor do andar de baixo. Mesmo não sabendo os detalhes, éramos instruídos a lembrar que todos os habitantes da Terra carregavam uma história invisível, e só por isso já mereciam tolerância. Muitos anos mais tarde eu ficaria sabendo que Robbie havia processado a Universidade Northwestern por discriminação, pois se inscrevera para participar de uma oficina de coral na faculdade

em 1943 e lhe negaram um quarto no dormitório feminino. Fora instruída a se hospedar em uma pensão na cidade — um lugar “para gente de cor”, lhe explicaram. Já Terry tinha sido assistente de vagões em uma das linhas férreas noturnas que chegavam e saíam de Chicago. Era uma profissão respeitável, mas não muito bem remunerada, composta totalmente de homens negros que mantinham o uniforme imaculado enquanto arrastavam malas, serviam refeições e atendiam às necessidades dos passageiros, inclusive engraxando seus sapatos.

Anos depois de se aposentar, Terry ainda vivia em um estado de formalismo entorpecido — vestido à perfeição e sem nunca se mostrar firme demais, pelo menos até onde eu soubesse. Eu o observava aparar a grama no calor do verão calçando sapatos sociais, usando suspensório e um chapéu de feltro de aba curta, as mangas da camisa arregaçadas com zelo. Era como se tivesse renunciado a uma parte de si, como forma de perseverar. Parte de mim queria que Terry falasse, que desabafasse os segredos que carregava. Eu imaginava que ele tinha várias histórias interessantes sobre as cidades que visitara e como os ricos se comportavam ou deixavam de se comportar nos trens. Mas nunca ouvimos nenhuma história. Por algum motivo, ele nunca falava.

EU TINHA UNS QUATRO ANOS quando resolvi aprender a tocar piano. Craig, que estava no primeiro ano, já visitava o andar de baixo para tomar aulas semanais no piano vertical de Robbie e voltava relativamente ileso. Achei que estava pronta. Estava convicta de que, na verdade, já *tinha* aprendido piano, quase num passe de mágica — ouvindo durante tantas horas outras crianças tateando canções. A

música já estava na minha cabeça. Eu só queria descer e demonstrar à minha tia-avó de expectativas tão elevadas que eu era uma menina muito talentosa, que não seria preciso esforço algum para me tornar sua melhor aluna.

O piano de Robbie ficava em um quartinho nos fundos da casa, perto da janela que dava para o quintal. Ela deixava um vaso de planta em um canto do cômodo e no outro uma mesa dobrável onde os alunos podiam preencher partituras. Durante as aulas, Robbie se sentava de coluna ereta em uma poltrona de encosto alto, marcando o ritmo com o dedo, a cabeça erguida, atenta a qualquer erro. Eu tinha medo de Robbie? Não exatamente, mas algo nela era amedrontador: ela representava a autoridade rigorosa com que eu ainda não tinha me deparado em nenhum outro lugar. Exigia excelência de todas as crianças que se sentavam ao piano. Eu a enxergava como alguém a conquistar, ou talvez, de alguma forma, a vencer. Com ela, eu sempre sentia que tinha algo a provar.

Na minha primeira aula, minhas pernas pendiam do banco, curtas demais para eu pisar no chão. Robbie me deu um livro de atividades básico, que me fascinou e me mostrou a forma certa de posicionar as mãos sobre as teclas.

— Muito bem, preste atenção — disse ela, me repreendendo antes de sequer começarmos. — Ache o dó central.

Quando você é pequeno, parece que o piano tem mil teclas. Você fica olhando aquela vastidão de preto e branco que se estende muito além do que dois bracinhos podem alcançar. O dó central, logo aprendi, era a âncora, a fronteira entre as áreas em que a mão direita e a mão esquerda viajavam, entre a clave de sol e a clave de fá. Se você conseguisse colocar o polegar no dó central, tudo o mais se encaixava

automaticamente. As teclas do piano de Robbie tinham cores e formas irregulares, pontos em que pedacinhos de marfim tinham se quebrado com o tempo, deixando-as como uma série de dentes lascados. Por sorte, faltava um canto inteiro ao dó central, um pedaço mais ou menos do tamanho da minha unha, e eu usava essa falha para me guiar.

No fim das contas, eu gostava de piano. Sentar-me diante dele me parecia uma coisa natural, como algo que eu estava destinada a fazer. Minha família era repleta de músicos e amantes da música, principalmente do lado da minha mãe. Um tio meu tocava em uma banda profissional. Várias das minhas tias cantavam no coro da igreja. Eu tinha Robbie, que além do coro e das aulas dirigia um programa de teatro musical para crianças que Craig e eu frequentávamos todo sábado de manhã no porão da igreja dela. Porém, o centro musical da família era meu avô Shields, o carpinteiro, irmão caçula de Robbie. Era um homem despreocupado, dono de uma barriga redonda, uma risada contagiante e uma barba grisalha e desgrenhada. Quando eu era mais nova, ele morava no West Side de Chicago, e Craig e eu nos referíamos a ele como Westside. Mas ele se mudou para o nosso bairro no ano em que comecei a fazer aulas de piano, então mudamos seu nome para Southside.

Southside havia se separado da minha avó décadas antes, quando minha mãe era adolescente. Morava com a minha tia Carolyn, irmã mais velha da minha mãe, e meu tio Steve, irmão caçula dele, a dois quarteirões de nós, em uma casa térrea aconchegante que ele havia preparado para a música de cima a baixo, instalando alto-falantes em todos os cômodos, inclusive no banheiro. Na sala de jantar, fez um móvel complexo para comportar seu equipamento de som, em grande

parte montado com peças compradas em vendas de garagem. Tinha dois toca-discos diferentes e prateleiras entupidas de discos que havia colecionado ao longo de muitos anos.

Southside desconfiava de muitas coisas. Não confiava em dentistas, o que o deixou quase sem dentes. Não confiava na polícia, e nem sempre confiava em brancos, pois era neto de uma escrava da Geórgia e passara os primeiros anos de vida no Alabama, na época da segregação, antes de rumar para o norte e chegar a Chicago na década de 1920. Quando teve filhos, Southside fez questão de mantê-los em segurança — assustando-os com histórias verdadeiras e inventadas sobre o que acontecia com crianças negras que entravam no bairro errado, dando-lhes sermões sobre evitar a polícia.

A música parecia ser a cura para suas preocupações, uma forma de relaxar e afastá-las. Quando recebia por seu trabalho de carpinteiro, às vezes Southside esbanjava e comprava um álbum novo. Vivia dando festas para a família, forçando todo mundo a falar alto para se fazer ouvir, pois a música sempre dominava o ambiente. Comemoramos a maioria dos principais acontecimentos de nossas vidas na casa de Southside, o que significa que ao longo dos anos desembrulhamos presentes de Natal ouvindo músicas de Ella Fitzgerald e assopramos velas de aniversário ao som de John Coltrane. Segundo minha mãe, quando era mais novo, Southside fazia questão de incutir jazz nos sete filhos, volta e meia acordando todo mundo ao amanhecer quando colocava um de seus discos no volume máximo.

Seu amor pela música passou para mim. Depois que Southside se mudou para o nosso bairro, eu passava tardes inteiras na casa dele, puxando álbuns das prateleiras ao acaso e colocando-os no toca-discos, cada um deles uma aventura imersiva. Embora fosse pequena,

ele não impunha limites ao que eu podia ouvir. Southside foi quem me deu meu primeiro disco, *Talking Book*, de Stevie Wonder, que eu deixava na casa dele, em uma prateleira especial que havia separado para meus discos prediletos. Se eu estivesse com fome, ele fazia milkshake ou fritava um frango inteiro enquanto escutávamos Aretha Franklin, Miles Davis ou Billie Holiday. Para mim, Southside era grandioso como o céu. E o céu, da forma que eu o imaginava, tinha que ser um lugar cheio de jazz.

EM CASA, EU continuava me empenhando para progredir como musicista. Sentada diante do piano de Robbie, eu aprendia escalas rapidamente e mergulhava de cabeça na leitura das partituras que ela me dava. Como não tínhamos piano, eu precisava praticar lá embaixo, no dela, esperando até ninguém estar em aula, não raro arrastando minha mãe para que ela se sentasse na poltrona e me escutasse tocar. Aprendia uma canção atrás da outra no livro de partituras. Provavelmente eu não era melhor do que os outros alunos, nem menos desastrada, mas estava determinada a me sair bem. Para mim, aprender era algo mágico. Me trazia uma satisfação enorme. Em primeiro lugar, porque havia entendido a simples e instigante relação entre o tempo que eu praticava e o que conseguia realizar. E também sentia algo em Robbie — um sentimento enterrado fundo demais para ser uma satisfação descarada, mas ainda assim a pulsação de algo mais leve e mais feliz que emanava dela quando eu chegava ao fim de uma canção sem me atrapalhar, quando minha mão direita captava a melodia e a esquerda tocava um acorde. Percebia de canto de olho: os lábios de Robbie se abriam de leve; o dedo que batia para marcar o tempo saltava um pouquinho mais.

Essa, no fim das contas, foi nossa fase de lua de mel. Talvez Robbie e eu tivéssemos continuado assim, caso eu fosse menos curiosa e respeitasse mais seu método ao piano. Mas o livro de partituras era tão grosso, e meu progresso nas primeiras poucas canções tão lento, que perdi a paciência e comecei a espiar páginas mais adiante — e não poucas páginas, mas muito à frente, lendo os títulos das canções mais avançadas e começando a tocá-las durante as sessões de exercícios. Quando apresentei, toda orgulhosa, uma dessas músicas a Robbie, ela explodiu, repudiando minha façanha com um cruel “Boa *noite!*”. Fui repreendida da forma como a ouvira repreender tantos outros alunos. Eu estava apenas tentando aprender mais coisas e mais rápido, porém Robbie considerou minha atitude um crime grave. Não se impressionou nem um pouco.

Não me importei. Era o tipo de criança que gostava de respostas claras para minhas perguntas, que gostava de dissecar as coisas até chegar a uma conclusão lógica, mesmo que fosse exaustivo. Eu parecia uma advogada, e com uma propensão a ditadora, algo com que meu irmão, que volta e meia eu expulsava da nossa área de recreação compartilhada, concordaria. Quando achava que tinha uma boa ideia, não gostava que me dissessem não. Foi assim que minha tia-avó e eu acabamos discutindo, as duas furiosas e inflexíveis.

— Como a senhora pode estar com raiva de mim por querer aprender uma canção nova?

— Você não está pronta. Não é assim que se aprende a tocar piano.

— Mas eu *estou* pronta. Acabei de tocar.

— Não é assim que se faz.

— Mas *por quê?*



As aulas de piano se tornaram dramáticas e penosas, em grande parte porque eu me recusava a seguir o método de Robbie e ela se recusava a ver algo de bom na minha abordagem desregrada a seu livro de partituras. Lembro-me de discutirmos toda semana. Eu era teimosa e ela também. Tinha meu ponto de vista e ela o dela. Em meio às discussões, continuei tocando piano, e ela continuou escutando, fazendo infinitas correções. Eu lhe dava pouco crédito pela minha melhora. Ela me dava pouco crédito por melhorar. Mas mesmo assim as aulas continuaram.

Lá em cima, meus pais e Craig achavam tudo muito engraçado. Caíam na gargalhada à mesa de jantar quando eu narrava minhas batalhas com Robbie, ainda fervendo de raiva enquanto comia espaguete com almôndegas. Craig não tinha problemas com Robbie, pois era um garoto alegre e um aluno de piano que seguia as regras. Meus pais não demonstravam compaixão nem pelas minhas desgraças nem pelas de Robbie. Não eram de se envolver em questões fora dos estudos, esperando desde cedo que meu irmão e eu cuidássemos das nossas próprias vidas. Pareciam considerar que sua função era basicamente ouvir e nos apoiar conforme necessário dentro das quatro paredes da nossa casa. Outro pai teria repreendido o filho por ser petulante com uma pessoa mais velha, como eu fui, mas eles deixavam passar. Minha mãe vivera com Robbie esporadicamente desde que tinha uns dezesseis anos, seguindo todas as regras antiquadas que a mulher definia, e é bem possível que estivesse feliz em me ver desafiar a autoridade de Robbie. Hoje em dia olho para trás e acho que meus pais gostavam da minha determinação e fico contente por isso. Era uma chama dentro de mim que eles queriam manter acesa.

UMA VEZ POR ANO, Robbie organizava um recital sofisticado para que os alunos se apresentassem para uma plateia. Até hoje não sei como, mas ela dava um jeito de ter acesso a uma sala de ensaios da Universidade Roosevelt no centro de Chicago, realizando seus recitais em um magnífico edifício de pedra na Michigan Avenue, bem ao lado de onde a Orquestra Sinfônica de Chicago se apresentava. Só de pensar em entrar ali eu já ficava nervosa. Nosso apartamento na Euclid Avenue ficava a cerca de quinze quilômetros do Loop, o centro financeiro que, com seus arranha-céus reluzentes e calçadas movimentadas, me parecia a um mundo de distância. Minha família ia ao coração da cidade apenas algumas vezes por ano, para visitar o Instituto de Arte ou assistir a uma peça teatral, nós quatro viajando feito astronautas no carro do meu pai.

Meu pai aproveitava qualquer desculpa para dirigir. Era dedicado ao carro, um Buick Electra 225 cor de bronze com duas portas, ao qual se referia pelo apelido do modelo, “Dois e Vinte e Cinco”. O automóvel estava sempre polido e encerado, e meu pai era cuidadoso quanto ao calendário de manutenção, levando-o à oficina da Sears para fazer o rodízio dos pneus e trocar o óleo do mesmo jeito que minha mãe nos levava ao pediatra para exames de rotina. Nós também adorávamos o Dois e Vinte e Cinco. As linhas harmoniosas e as lanternas traseiras estreitas davam a ele um visual descolado e futurista. Era tão espaçoso que parecia uma casa. Eu conseguia praticamente ficar de pé dentro dele, passando as mãos no teto revestido de tecido. Como na época usar cinto de segurança não era obrigatório por lei, Craig e eu passávamos boa parte do tempo cochilando no banco de trás ou apoiando o corpo no banco da frente quando queríamos falar com nossos pais. Na metade do tempo eu me

apoiava no encosto para cabeça do motorista e levava o queixo à frente, para meu rosto ficar lado a lado com o do meu pai e termos a mesma visão.

O carro propiciava outro tipo de proximidade para minha família, a oportunidade de conversar e viajar ao mesmo tempo. À noite, depois do jantar, às vezes Craig e eu suplicávamos para meu pai nos levar num passeio sem rumo. Nas noites de verão ele nos fazia um agrado: íamos a um cinema drive-in a sudoeste do nosso bairro para assistir aos filmes do *Planeta dos macacos*, estacionando o Buick ao anoitecer e nos acomodando, minha mãe distribuindo o frango frito e as batatas chips que levava de casa para jantarmos, Craig e eu com a comida apoiada no colo, sentados no banco de trás e tomando o cuidado de limpar as mãos no guardanapo e não no assento.

Eu ainda levaria muitos anos para entender o que dirigir aquele carro significava para o meu pai. Quando criança, eu apenas percebia a liberdade que ele sentia ao volante, o prazer que tinha ao dirigir com um motor que funcionava bem e pneus perfeitamente equilibrados zunindo sob seus pés. Meu pai tinha trinta e poucos anos quando um médico lhe informou que a fraqueza esquisita que vinha começando a sentir em uma das pernas seria apenas o início de uma longa e provavelmente dolorosa derrocada. Havia o risco de que um dia, devido a uma misteriosa doença que atacava o cérebro e a medula espinhal, ele ficasse totalmente incapaz de andar. Não sei a data exata, mas a impressão é de que o Buick entrou na vida do meu pai praticamente junto com a esclerose múltipla. E apesar de ele nunca ter dito, o carro lhe deu uma espécie de alívio.

Nem ele nem minha mãe se concentraram no diagnóstico. Isso foi há décadas, época em que ainda não havia o Google e não era possível

fazer uma simples pesquisa para ver um rol estonteante de gráficos, estatísticas e explicações médicas que dão ou tiram a esperança. De qualquer forma, duvido que eu fosse querer vê-los. Embora meu pai tenha sido criado na igreja, não teria rezado para que Deus o poupasse. Não teria procurado tratamentos alternativos, um guru ou um gene defeituoso no qual jogar a culpa. Na minha família, temos o velho hábito de ignorar as notícias ruins, de tentar esquecê-las praticamente no instante em que chegam. Ninguém sabia havia quanto tempo meu pai se sentia mal quando foi ao médico pela primeira vez, mas meu palpite é de que já fazia meses, se não anos. Ele não gostava de consultas médicas. Não tinha interesse em reclamar. Era o tipo de pessoa que aceitava o que viesse e seguia em frente.

O que sei é que, no dia do meu grande recital de piano, ele já mancava de leve, o pé esquerdo incapaz de acompanhar o ritmo do direito. Todas as minhas lembranças do meu pai incluem algum lembrete dessa deficiência, ainda que nenhum de nós estivesse disposto a chamá-la assim na época. O que eu sabia então era que meu pai se movimentava um pouco mais devagar que os outros pais. Às vezes eu o via hesitar antes de subir um lance de escadas, como se precisasse refletir sobre a manobra antes de tentá-la. Quando íamos fazer compras no shopping, ele se acomodava em um banco, satisfeito em ficar de olho nas sacolas ou tirar um cochilo enquanto o resto da família perambulava pelas lojas.

A caminho do centro para o recital, eu estava sentada no banco de trás do Buick usando um belo vestido e sapatos de couro envernizado, o cabelo preso em marias-chiquinhas, suando frio pela primeira vez na vida. Estava apreensiva com a apresentação, apesar de ter praticado minha canção no apartamento de Robbie quase até a morte. Craig

também estava de terno e preparado para tocar sua canção. Mas a perspectiva não o incomodava. Na verdade, ele dormia profundamente, desmaiado no banco de trás, a boca entreaberta, a expressão feliz e despreocupada. Craig era assim. Eu passaria a vida admirando sua serenidade. Àquela altura, ele já jogava em uma liga infantil de basquete com partidas todo fim de semana e parecia ter dominado o nervosismo quanto a apresentações públicas.

Meu pai sempre escolhia o estacionamento mais próximo possível do nosso destino, pagando mais pela vaga para reduzir a distância que precisaria andar com suas pernas instáveis. Naquele dia, não tivemos problema para achar a Universidade Roosevelt, e fomos até o que parecia um salão enorme e ecoante onde aconteceria o recital. Eu me senti minúscula ali. O salão tinha janelas elegantes do chão ao teto, que davam para o gramado amplo de Grant Park e, mais adiante, para as ondas brancas do lago Michigan. Havia cadeiras cinza-chumbo arrumadas em fileiras que aos poucos eram ocupadas por crianças nervosas e pais ansiosos. E na frente, no palco elevado, estavam os dois primeiros pianos de meia cauda que vi na vida, os gigantescos tampos de madeira de lei abertos como asas de melros. Robbie também estava lá, irrequieta em um vestido floral, como se fosse a bela do baile, conferindo se todos os alunos haviam chegado com a partitura na mão. Ela pediu silêncio ao salão quando estava na hora de o show começar.

Não lembro a ordem em que tocamos naquele dia. Só sei que, na minha vez, me levantei da cadeira e caminhei com a minha melhor postura até a frente do salão, subi os degraus e tomei meu assento diante de um dos reluzentes pianos de meia cauda. A verdade é que estava pronta. Embora achasse Robbie ríspida e teimosa, eu tinha

absorvido totalmente sua dedicação ao preparo. Sabia minha música tão bem que mal tive que pensar nela. Simplesmente comecei a movimentar as mãos.

No entanto, havia um problema, que descobri na fração de segundo em que levei meus dedinhos às teclas. Eu estava sentada diante de um piano perfeito, com superfícies espanadas com cuidado, as cordas internas afinadas com precisão, as 88 teclas dispostas em uma faixa impecável de preto e branco. A questão é que eu não estava acostumada com o impecável. Na verdade, nunca o tinha visto na vida. Toda a minha experiência com piano vinha da salinha de música de Robbie, com seu vaso de planta desalinhado e com vista para o nosso modesto quintal. O único instrumento que havia tocado era seu vertical nada perfeito, com suas teclas amareladas e o conveniente dó central lascado. Para mim, um piano era desse jeito — assim como meu bairro era meu bairro, meu pai era meu pai, minha vida era minha vida. O piano de Robbie era o único que eu conhecia.

De repente, naquele momento me dei conta de que as pessoas me observavam enquanto eu olhava fixo para o brilho das teclas do piano, achando todas iguais. Não fazia ideia de onde pôr as mãos. Com a garganta apertada e o coração disparado, olhei para a plateia, tentando disfarçar meu pânico, buscando o rosto da minha mãe — meu porto seguro ali. O que vi foi um vulto se levantando da primeira fila e se aproximando de mim lentamente. Era Robbie. Àquela altura já tínhamos brigado à beça, tanto que eu meio que a enxergava como uma inimiga. Mas ali, em meio a meu constrangimento, ela se aproximou do meu ombro como um anjo. Talvez entendesse meu choque. Talvez soubesse que as injustiças do mundo tinham acabado de se apresentar silenciosamente a mim pela primeira vez. Talvez ela

apenas precisasse apressar as coisas. De qualquer forma, sem dar uma palavra, Robbie pôs o dedo no dó central para que eu soubesse de onde começar. Em seguida, virou-se para trás com um leve sorriso de incentivo e me deixou sozinha para tocar.

# 2

COMECEI O JARDIM DE INFÂNCIA NA ESCOLA PRIMÁRIA Bryn Mawr no outono de 1969, me apresentando com duas vantagens iniciais: já sabia ler palavras básicas e tinha um irmão popular no segundo ano. A escola, um edifício de tijolos de quatro andares com um pátio na frente, ficava a poucos quarteirões da nossa casa na Euclid Avenue. A distância era uma caminhada de dois minutos ou, ao estilo de Craig, uma corrida de um minuto.

Gostei da escola logo de cara. Gostei da professora, uma senhorinha branca chamada sra. Burroughs, que me parecia uma anciã. Sua sala de aula tinha janelas amplas ensolaradas, uma coleção de bonecas e uma casinha de papelão gigantesca nos fundos. Fiz amizades na minha turma, atraída pelas crianças que, assim como eu, pareciam loucas para estar ali. Eu confiava na minha capacidade de ler. Em casa, devorei uma coleção de livros infantis graças ao cartão da biblioteca da minha mãe, e vibrei ao saber que nossa primeira tarefa como alunos do jardim de infância seria aprender a ler conjuntos de palavras à primeira vista. Recebemos uma lista de nomes de cores para estudar: “vermelho”, “azul”, “verde”, “preto”, “laranja”, “roxo”, “branco”. Em aula, a sra. Burroughs testava um aluno de cada vez, exibindo uma série de cartões grandes de papel pardo e nos pedindo



para ler a palavra impressa em letras pretas. Fiquei observando as meninas e os meninos que eu estava conhecendo. Eles se levantavam e enfrentavam os cartões. Quando se atrapalhavam recebiam a ordem de se sentar. Acho que era para ser uma espécie de jogo, quase como um jogo de soletrar, mas dava para ver uma triagem acontecendo e uma dose intencional de humilhação nas crianças que não passavam do “vermelho”. Estávamos em 1969, em uma escola pública no South Side de Chicago. Se você vinha de casa com uma vantagem inicial, era recompensado na escola. Os professores achavam que você era “inteligente” ou “talentoso”, o que por sua vez só aumentava sua autoconfiança. E essas vantagens se acumulavam rapidamente. As duas crianças mais inteligentes da minha turma eram Teddy, um menino de ascendência coreana, e Chiaka, uma afro-americana. E eles continuariam sendo os melhores da classe por anos a fio.

Eu estava decidida a não ficar atrás deles. Quando chegou minha vez de ler as palavras, me levantei e dei tudo de mim, recitando “vermelho”, “verde” e “azul” sem dificuldade. Em seguida, levei um instante no “roxo”. O “laranja” foi difícil. Mas só quando as letras *B-R-A-N-C-O* apareceram foi que gelei — minha garganta secou na hora, minha boca não se mexia, incapaz de emitir qualquer som enquanto meu cérebro entrava em pane, tentando desenterrar a cor. Foi um apagão total. Senti os joelhos bambearem, como se fossem dobrar. Mas, antes disso, a sra. Burroughs ordenou que eu me sentasse. E foi exatamente nessa hora que a palavra me veio em toda a sua perfeição natural. *Branco. Braaaaanco.* A palavra era “branco”.

Naquela noite, deitada na cama com os bichinhos de pelúcia em torno da cabeça, eu só pensava em “branco”. Soletrei a palavra na minha cabeça, de trás para a frente e de frente para trás, com raiva da

minha própria burrice. O constrangimento parecia um peso, algo do qual nunca conseguiria me livrar, embora soubesse que para os meus pais não importava se eu tinha lido todos os cartões da forma certa. Eu só queria conseguir. Ou talvez não quisesse ser vista como incapaz. Tinha certeza de que a professora passou a me enxergar como alguém que não sabia ler ou, pior, que nem tentava. Eu tinha ficado obcecada pelas estrelinhas douradas que a sra. Burroughs tinha dado a Teddy e Chiaka naquele dia, para que usassem no peito como um emblema de sua realização, ou talvez como um sinal de que estavam destinados à grandeza, ao contrário dos outros — afinal, os dois tinham lido todas as cores sem vacilar.

Na manhã seguinte, pedi uma revanche.

Quando a sra. Burroughs disse não, acrescentando, com satisfação, que nós do jardim de infância tínhamos outras coisas para fazer, eu exigi.

Coitadas das crianças que tiveram de me ver encarando os cartões coloridos novamente, dessa vez mais devagar, fazendo pausas para respirar depois de pronunciar cada palavra, me recusando a deixar meus nervos criarem um curto-circuito no cérebro. E funcionou com “preto”, “laranja”, “roxo” e principalmente “branco”. Aliás, eu praticamente berrei a palavra “branco” antes mesmo de olhar as letras no cartão. Hoje gosto de imaginar que a sra. Burroughs ficou impressionada com aquela menininha negra que tivera coragem de se defender. Não sabia se Teddy e Chiaka tinham sequer percebido. Fui logo reivindicando meu troféu, e naquela tarde voltei para casa de cabeça erguida, com uma daquelas estrelinhas de papel dourado grudada na blusa.

EM CASA, eu vivia em um universo de muito conflito emocional e intriga, criando uma novela eterna interpretada pelas minhas bonecas. Havia nascimentos, brigas e traições. Havia esperança, ódio e, de vez em quando, até amor. Minha maneira predileta de passar o tempo entre a escola e o jantar era me apossar da área comum ao meu quarto e ao de Craig e espalhar minhas Barbies pelo chão, imaginando cenas que me pareciam tão reais quanto a vida, às vezes incluindo os bonecos do Comandos em Ação de Craig no enredo. Guardava as roupas das minhas bonecas em uma pequena mala de vinil com estampa floral. Dei a cada Barbie e a cada soldadinho uma personalidade. Também pegava os blocos de alfabeto gastos que minha mãe tinha usado anos antes para nos ensinar as letras. Eles ganharam nomes e vida interior.

Eu quase nunca saía para brincar com as crianças da vizinhança depois da escola, tampouco convidava os amigos da escola para irem a minha casa, em parte porque era muito certinha e organizada e não queria ninguém mexendo nas minhas bonecas. Já tinha ido à casa de outras meninas e visto, para meu horror, Barbies com o cabelo arrancado ou o rosto pintado com marcadores de texto. Além disso, na escola eu estava aprendendo que as relações entre crianças podiam ser complicadas. Por mais que se testemunhem cenas bonitas no pátio do recreio, sempre há as meninas populares, os valentões e os puxa-sacos. Eu não era tímida, mas também não tinha certeza se precisava dessa bagunça toda na minha vida fora da escola. Por isso, procurei ser a única encarregada do pequeno universo que havia criado na área comum em frente aos quartos. Se Craig aparecia e tinha a coragem de mudar um bloco de lugar, eu gritava. Às vezes, quando necessário, até batia nele — em geral, um soco direto no meio das costas. O fato era

que as bonecas e os blocos precisavam de mim para ganhar vida, e era o que eu fazia, impondo-lhes uma crise pessoal atrás da outra. Como qualquer boa governante todo-poderosa, eu estava ali para vê-los sofrer e crescer.

Enquanto isso, da janela do meu quarto, eu observava a maioria dos acontecimentos da vida real no nosso quarteirão da Euclid Avenue. Nos finais de tarde, via o sr. Thompson, o afro-americano alto que era dono do edifício do outro lado da rua, enfiar o enorme baixo elétrico no porta-malas do Cadillac e partir para uma apresentação em algum clube de jazz. Via os Mendoza, a família mexicana da porta ao lado, chegarem em casa com a caminhonete cheia de escadas depois de passarem o dia pintando casas. Os cães deles corriam até a cerca para recebê-los com latidos.

Morávamos em um bairro de classe média com pessoas de todas as etnias. As crianças se juntavam não baseadas na cor da pele, mas em quem estava lá fora, pronto para brincar. Entre minhas amigas estavam uma menina chamada Rachel, cuja mãe era branca e tinha sotaque britânico; Susie, uma ruiva de cabelo cacheado; e a neta dos Mendoza, sempre que ela os visitava. A vizinhança era uma mescla de sobrenomes — Kansopant, Abuasef, Yacker, Robinson — e éramos muito novos para entender que as coisas ao nosso redor mudavam depressa. Quinze anos antes de meus pais se mudarem para South Shore, o bairro era 96% branco. Quando saí de lá e fui para a faculdade, décadas depois, era 96% negro.

Craig e eu fomos criados em meio a essas mudanças. Nos quarteirões que nos cercavam moravam famílias judias, famílias imigrantes, famílias brancas e negras, pessoas que prosperavam e pessoas que não prosperavam. Em geral, as pessoas cuidavam de seus

gramados e ficavam de olho nos filhos. Entregavam cheques a Robbie para que suas crianças aprendessem a tocar piano. Minha família provavelmente era do lado mais pobre da vizinhança. Enfurnados no segundo andar da casa de Robbie e Terry, estávamos entre as poucas famílias que não eram donas da própria casa. O South Shore ainda não tinha mudado como outros bairros — com as pessoas em melhor situação partindo para os subúrbios e os comércios de bairro fechando um por um. Mas a mudança estava claramente começando a acontecer.

Começávamos a sentir os efeitos dessa mudança, principalmente na escola. Minha turma de segundo ano se revelou um grupo de crianças rebeldes e borrachas voando para todos os lados, o que nem eu nem Craig tínhamos vivido até então. A impressão era de que a professora não sabia impor o controle — aliás, parecia nem gostar de crianças. Além disso, ninguém parecia se importar com a incompetência da professora. Os alunos usavam isso como desculpa para extravasar, e ela parecia só pensar coisas horríveis de nós. Aos olhos dela, éramos uma turma de “crianças ruins”, embora não tivéssemos nenhuma orientação e nenhuma estrutura, e tivéssemos sido sentenciados a ficar numa sala sinistra e mal iluminada no porão da escola. As horas pareciam longas e infernais. Eu ficava lá, infeliz, sentada na cadeira verde-vômito diante da minha carteira, sem aprender nada e esperando o intervalo do almoço ao meio-dia, quando podia ir para casa, comer um sanduíche e reclamar com a minha mãe.

Quando eu ficava zangada, quase sempre direcionava a raiva para a minha mãe. Eu reclamava da nova professora, e ela escutava e dizia coisas como “Ah, nossa” e “É mesmo?”. Nunca cedia à minha indignação, mas levava minha frustração a sério. Se minha mãe fosse

uma pessoa diferente, talvez tivesse sugerido apenas “Vai lá e dá o melhor de si”. Mas ela entendia a diferença. Entendia a diferença entre reclamar à toa e uma angústia genuína. Sem me dizer, ela foi à escola muitas vezes para tentar convencê-los a fazer alguma coisa. Com isso, eu e mais algumas outras crianças de alto desempenho fomos discretamente tiradas da turma, fizemos provas e cerca de uma semana depois fomos promovidas para uma turma de terceiro ano iluminada e organizada no andar de cima, com uma professora sorridente e eficiente que sabia o que estava fazendo.

Foi uma medida trivial, mas que mudou minha vida. Na época, não me perguntei o que aconteceria com todas as crianças largadas no porão com a professora que não sabia lecionar. Agora que sou adulta, porém, percebo que ainda novas as crianças sabem quando não estão sendo valorizadas, quando os adultos não têm interesse em ajudá-las a aprender. A raiva que sentem disso pode se manifestar na forma de rebeldia. Não é culpa delas. Não são “crianças ruins”. Estão apenas tentando sobreviver a circunstâncias ruins. Na época, só fiquei feliz de ter escapado.

COM O PASSAR DO TEMPO, minha mãe começou a me fazer sair de casa para brincar com as crianças do bairro. Queria que eu aprendesse a me socializar como meu irmão. Craig, como já mencionei, conseguia fazer com que coisas difíceis parecessem fáceis. Na época já era uma sensação na quadra de basquete, um garoto animado, ágil e que ganhava estatura rapidamente. Meu pai o incentivou a procurar os adversários mais difíceis que conseguisse achar — tempos depois, faria Craig cruzar a cidade sozinho para jogar com os melhores garotos da cidade. Mas, por enquanto, deixava meu irmão jogar

contra os talentos do bairro. Craig pegava sua bola e atravessava a rua até o Rosenblum Park, passando pelos trepa-trepas e balanços onde eu gostava de brincar, e depois desaparecia em meio a um arvoredos na ponta oposta do parque, onde ficavam as quadras de basquete. Eu imaginava uma floresta escura ali, repleta de bêbados, bandidos e atividades criminais, mas, depois que começou a ir jogar naquelas quadras, Craig me esclareceu que ninguém lá era tão ruim assim.

Para o meu irmão, o basquete parecia abrir todas as portas. O esporte o ensinou a falar com desconhecidos quando queria jogar uma partida improvisada. Também o ensinou a provocar, de maneira amistosa, os adversários maiores e mais rápidos em quadra. E o ajudou a derrubar vários mitos sobre quem era quem no bairro, reforçando a ideia de que a maioria das pessoas era boa se fosse bem tratada — algo em que meu pai acreditava desde sempre. Até os caras esquisitos que ficavam na frente da loja de bebidas se alegravam ao ver Craig, chamando-o e o cumprimentando quando ele passava.

— Como é que você conhece esses caras? — perguntava eu.

— Sei lá. Eles apenas me conhecem — respondia ele, dando de ombros.

Eu tinha dez anos quando finalmente amadureci o bastante para começar a me aventurar, uma decisão instigada em grande parte pelo tédio. Era verão e eu estava de férias. Todos os dias, Craig e eu pegávamos o ônibus até o lago Michigan para ir a uma colônia de recreação pública, mas tínhamos de voltar às quatro da tarde, quando ainda restavam muitas horas de sol no dia. Minhas bonecas estavam se tornando menos interessantes, e, sem ar-condicionado, o nosso apartamento ficava insuportavelmente quente no fim da tarde. E foi assim que comecei a seguir Craig pelo bairro, conhecendo as crianças

que ainda não conhecia da escola. Atravessando a viela atrás da nossa casa havia um miniconjunto habitacional chamado Euclid Parkway, com cerca de quinze casas construídas em torno de uma área verde compartilhada. Era um paraíso, livre de carros e cheio de crianças jogando softball, pulando corda ou simplesmente sentadas nos bancos, batendo papo. Mas, antes de chegar ao grupo de meninas da minha idade, precisei encarar um teste. E o teste veio na forma de DeeDee, uma menina que frequentava uma escola católica ali perto. DeeDee era atlética e linda, mas vivia de cara feia e revirava os olhos por qualquer coisa. Ela costumava ficar sentada nos degraus da entrada da sua casa ao lado de outra menina, mais popular, chamada Deneen.

Deneen era sempre simpática, mas DeeDee parecia não gostar de mim. Eu não sabia o motivo. Sempre que eu ia a Euclid Parkway, ela fazia comentários sarcásticos em voz baixa, como se só de aparecer eu já tivesse estragado o dia de todo mundo. Ao longo daquele verão, DeeDee começou a fazer os comentários em voz cada vez mais alta. Fiquei chateada. Eu sabia que tinha alternativas. Podia continuar sendo a novata perseguida, podia desistir do Parkway e voltar para os meus brinquedos em casa, ou podia tentar ganhar o respeito de DeeDee. E dentro da última opção havia outra: podia tentar conquistar DeeDee com palavras ou simplesmente calar a boca dela.

Quando DeeDee voltou a fazer um de seus comentários, avancei nela, invocando tudo o que meu pai tinha me ensinado sobre como dar um soco. Caímos no chão, os punhos descontrolados e as pernas agitadas, e todas as crianças do Euclid Parkway de repente formaram um círculo apertado ao nosso redor, seus gritos alimentados pela empolgação. Não lembro quem nos separou, se foi Deneen, meu



irmão ou talvez um pai chamado a ajudar, mas, quando acabou, algo havia acontecido. Fui oficialmente aceita como membro da tribo do bairro. DeeDee e eu saímos ilesas, sujas de terra, arfando e destinadas a jamais sermos amigas íntimas, mas pelo menos ganhei seu respeito.

O BUICK DO MEU PAI CONTINUOU sendo nosso abrigo, nossa janela para o mundo. Passeávamos nele aos domingos e nas noites de verão, circulando sem destino pela cidade, só porque podíamos. Às vezes íamos até um bairro ao sul, uma região conhecida como Pill Hill — a Colina dos Comprimidos —, devido ao número aparentemente grande de médicos afro-americanos que moravam lá. Era uma das partes mais bonitas e ricas do South Side, onde as pessoas tinham dois carros na garagem e vários canteiros de flores junto às calçadas.

Meu pai via os ricos com certa desconfiança. Não gostava de gente presunçosa e tinha um pé atrás com a ideia de casa própria. Por um breve período, ele e minha mãe pensaram em comprar uma casa que ficava não muito longe da de Robbie. Certo dia, foram visitar o lugar com um corretor, mas acabaram desistindo. Na época, eu era totalmente a favor. Na minha cabeça, achava que o fato de a minha família morar em um lugar com mais de um andar significaria alguma coisa. Mas meu pai era cauteloso por natureza e achava necessário ter economias para o caso de emergências.

— Você não vai querer ficar sem dinheiro por ter comprado uma casa — dizia ele, explicando que certas pessoas entregavam suas economias e pegavam empréstimos muito altos. Tornavam-se donos de uma casa legal, mas não tinham liberdade alguma.

Meus pais conversavam conosco como se fôssemos adultos. Não davam aulas, mas se entregavam a todas as perguntas que fazíamos,

por mais boba que fosse. Nunca apressavam uma discussão só porque era conveniente. Nossas conversas podiam durar horas, em geral porque Craig e eu aproveitávamos todas as oportunidades de interrogar nossos pais sobre coisas que não entendíamos. Quando pequenos, perguntávamos: “Por que as pessoas vão ao banheiro?” ou “Por que você precisa ter emprego?” e depois os bombardeávamos com questões complementares. Uma das minhas primeiras vitórias veio de uma pergunta que fiz por interesse próprio:

— Por que a gente precisa comer ovo no café da manhã?

Isso gerou uma discussão sobre a necessidade de proteína, o que me levou a perguntar por que creme de amendoim não poderia contar como proteína. Continuamos argumentando, até que, por fim, minha mãe acabou mudando sua opinião sobre ovos, que eu nunca gostei de comer. Nos nove anos seguintes, ciente de que aquilo era uma conquista minha, eu preparava um enorme sanduíche de creme de amendoim e geleia todas as manhãs e não comia um ovinho sequer.

Conforme crescemos, passamos a falar mais de escolhas de vida, de cor da pele, desigualdade e política. Meus pais não esperavam que fôssemos perfeitos. Também nunca douravam a pílula quanto ao que acreditavam ser as verdades mais duras da vida. Teve um verão em que Craig ganhou uma bicicleta nova e pedalou até o lago Michigan, até a trilha pavimentada à beira da Rainbow Beach, onde dava para sentir a brisa vinda da água. Foi logo parado por um policial que o acusou de roubá-la, incapaz de aceitar que um jovem negro conseguira uma bicicleta nova de um jeito honesto. (O policial, ele mesmo um afro-americano, levou uma bronca homérica da minha mãe, que o obrigou a pedir desculpas a Craig.) Depois de tudo, meus pais nos disseram que aquilo que tinha acontecido era injusto, mas,

infelizmente, também era comum. A cor da nossa pele nos tornava vulneráveis. Era algo com que sempre precisaríamos lidar.

O costume que meu pai tinha de nos levar a Pill Hill era meio que um exercício de ambição. Sua chance de nos mostrar aonde a boa educação podia levar. Meus pais tinham morado quase a vida inteira numa área de alguns quilômetros quadrados dentro de Chicago, mas não esperavam que Craig e eu fizéssemos a mesma coisa. Antes de se casarem, ambos tinham frequentado faculdades técnicas por um curto período, mas abandonaram os estudos bem antes de obterem o diploma. Minha mãe estudava para ser professora, mas se deu conta de que preferia trabalhar como secretária. Meu pai simplesmente ficou sem dinheiro para pagar a mensalidade, então se alistou no Exército. Não havia ninguém na família que o convencesse a voltar à faculdade, ele não tinha nenhum exemplo de como era essa vida. Então, por dois anos, serviu em diversas bases militares. Terminar a faculdade e virar artista pode até ter sido um sonho do meu pai, mas ele logo redirecionou suas esperanças e usava o salário para ajudar a pagar a faculdade de arquitetura de seu irmão caçula.

Com quase quarenta anos, meu pai se concentrava em economizar para os filhos. Nossa família jamais gastaria o dinheiro todo para comprar uma casa própria. Meu pai era uma pessoa prática, sentia que os recursos eram limitados e talvez o tempo também fosse. Quando não estava dirigindo, usava uma bengala para andar. Antes de eu terminar a escola primária, a bengala se tornaria uma muleta e, pouco depois, um par de muletas. O que quer que meu pai tivesse, estava debilitando seus músculos e acabando com seus nervos. Ele via a doença como um desafio pessoal, algo que deveria aguentar calado.

Nós nos permitíamos poucos luxos. Quando Craig e eu recebíamos o boletim da escola, nossos pais comemoravam pedindo pizza no Italian Fiesta, nosso restaurante preferido. No calor, comprávamos sorvete — meio litro de chocolate, meio de noz-pecã e meio de cereja — e fazíamos com que durasse dias. Todo ano, quando íamos ao Air and Water Show, preparávamos um piquenique e seguíamos rumo ao norte, margeando o lago Michigan, até a península cercada onde ficava a estação de tratamento de água onde meu pai trabalhava. Era uma das poucas vezes do ano em que as famílias dos funcionários podiam atravessar os portões e ocupar o gramado com vista para o lago, de onde a visão dos aviões de caça em formação acima da água era tão bonita quanto a de qualquer cobertura dos prédios chiques da Lake Shore Drive.

Todo mês de julho, meu pai tirava uma semana de férias das caldeiras da estação de tratamento de água e nos apertávamos no Buick com uma tia e alguns primos. Eram sete pessoas naquele carro de duas portas por horas a fio, saindo de Chicago pela ponte Skyway, margeando o sul do lago Michigan e seguindo até White Cloud, Michigan, em um lugar chamado Dukes Happy Holiday Resort. Tinha uma sala de brinquedos, uma máquina que vendia refrigerantes em garrafas de vidro e, o mais importante para nós, uma enorme piscina ao ar livre. Alugávamos uma cabana com quitinete e passávamos os dias pulando na água.

Meus pais faziam churrasco, fumavam cigarro e jogavam carta com a minha tia, mas meu pai também passava um bom tempo brincando com as crianças na piscina. Meu pai era lindo, tinha um bigode que descia pelos cantos dos lábios. O peito e os braços eram robustos e musculosos, prova do atleta que havia sido. Durante aquelas longas

tardes na piscina, ele nadava, ria e atirava nossos corpinhos no ar, suas pernas enfraquecidas de repente se tornavam um problema menor.

A DECADÊNCIA ÀS VEZES é algo difícil de mensurar, principalmente quando está em toda parte. A cada mês de setembro, quando Craig e eu voltávamos à Bryn Mawr para mais um ano letivo, víamos menos crianças brancas no pátio. Algumas tinham sido transferidas para uma escola católica dos arredores, mas muitas tinham ido embora do bairro. No começo, parecia que só as famílias brancas estavam saindo, mas isso também mudou. Em pouco tempo parecia que todos os que tinham recursos para ir embora estavam indo. Na maioria das vezes, ninguém avisava que estava partindo nem explicava a decisão. Apenas víamos uma placa de “Vende-se” na frente da casa da família Yacker ou um caminhão de mudança na frente da casa de Teddy e entendíamos o que estava acontecendo.

Para minha mãe, o momento mais difícil talvez tenha sido quando sua amiga Velma Stewart avisou que ela e o marido tinham dado a entrada numa casa em um bairro chamado Park Forest, no subúrbio. Os Stewart tinham dois filhos e moravam no nosso quarteirão, na Euclid Avenue. Moravam num apartamento, assim como nós. A sra. Stewart tinha um grande senso de humor e uma gargalhada característica, que cativou minha mãe. As duas trocavam receitas e sempre se falavam, mas, ao contrário das outras mães, nunca se metiam nas fofocas do bairro. O filho da sra. Stewart, Donny, tinha a mesma idade que Craig e era tão atlético quanto meu irmão, e os dois criaram um vínculo imediato. A filha, Pamela, já era adolescente e não tinha muito interesse por mim, embora eu achasse todos os adolescentes fascinantes. Não me lembro direito do sr. Stewart, a não

ser pelo fato de que dirigia a caminhonete de entregas de uma das maiores panificadoras da cidade e de que ele e a esposa eram os negros de pele mais clara que eu já tinha visto.

Eu não fazia ideia de como tinham conseguido bancar uma casa no subúrbio. Park Forest foi uma das primeiras comunidades totalmente planejadas dos Estados Unidos — um povoado completo, com shoppings, igrejas, escolas, parques e casas produzidas em massa, com quintais padronizados. No lugar havia uma quantidade máxima de famílias negras por quarteirão, mas, quando os Stewart se mudaram para lá, esse limite já havia sido abolido, aparentemente.

Pouco depois de se mudarem, os Stewart nos convidaram para visitá-los num dia de folga do meu pai. Ficamos animados. Para nós, seria um novo tipo de passeio, uma oportunidade de vislumbrar os subúrbios. Nós quatro entramos no Buick e pegamos a via expressa para o sul, seguindo a estrada que deixa Chicago e pegando uma saída cerca de quarenta minutos mais tarde, na altura de um shopping center sem graça. Seguindo as instruções da sra. Stewart, pouco depois já estávamos atravessando uma rede de ruas sossegadas, com casas que pareciam todas iguais.

— Mas como é que alguém tem vontade de morar aqui? — indagou meu pai, observando tudo por cima do painel.

Concordei que não fazia sentido. Pelo que eu estava percebendo, não havia árvores grandes como o imenso carvalho que eu via pela janela do meu quarto. Tudo em Park Forest era novo, amplo e vazio. Não havia loja de bebidas na esquina com caras mal-humorados sentados na frente. Não havia buzinas de carros nem sirenes. Não havia música saindo da cozinha de ninguém. Parecia que todas as janelas estavam fechadas.

Na lembrança de Craig, a visita foi incrível, já que ele passou o dia jogando bola ao ar livre e sob o céu azul com Donny Stewart e seus novos amigos do subúrbio. Meus pais bateram um papo agradável com o sr. e a sra. Stewart, e eu seguia Pamela pela casa, boquiaberta com seu cabelo, sua pele clara e suas bijuterias de adolescente. Almoçamos lá.

Quando nos despedimos, já era fim de tarde. Caminhamos até o Buick. Craig estava suado, exausto de tanto correr. Eu também estava cansada e louca para ir para casa. Algo naquele lugar tinha me dado nos nervos. Eu não era fã do subúrbio, mas não saberia explicar exatamente por quê.

Mais tarde, minha mãe faria um comentário sobre os Stewart e sobre sua nova comunidade. Pensando no fato de que quase todos os vizinhos da rua pareciam ser brancos, ela disse:

— Será que alguém sabia que eles são uma família negra antes da nossa visita?

Ela imaginou que talvez, sem saber, tivéssemos exposto os Stewart, chegando do South Side com um presente para a casa nova e ostentando nossa pele evidentemente negra. Ainda que os Stewart não tentassem esconder sua cor de propósito, era provável que não tocassem no assunto com os vizinhos. Até nossa visita, eles não tinham perturbado o clima daquele quarteirão, qualquer que fosse ele.

Será que alguém estava observando pela janela quando meu pai se aproximou do nosso carro naquela noite? Será que havia alguém atrás de uma cortina, esperando para ver o que aconteceria? Jamais saberei. Só me lembro de como meu pai ficou meio tenso quando foi abrir a porta do motorista e viu o que havia acontecido. Alguém tinha feito um arranhão na lateral de seu amado Buick, deixando uma marca fina

e feia que percorria a porta e ia até a parte traseira do carro. Fora feito com uma chave ou uma pedra e certamente não era acidental.

Já falei que meu pai era um homem que nunca reclamava das coisas, fossem elas pequenas ou grandes, que comia fígado com um sorriso no rosto quando era o que lhe serviam, que recebeu de um médico o equivalente a uma pena de morte e seguiu em frente. Com a história do carro não seria diferente. Mesmo que houvesse uma forma de brigar ou alguém com quem pudesse falar, meu pai não teria feito isso.

— Meu Deus do céu — disse ele antes de destrancar a porta.

Naquela noite, voltamos para a cidade sem conversar muito sobre o que havia acontecido. Talvez só pensar naquilo já fosse exaustivo demais. Em todo caso, o subúrbio já era passado para nós. Meu pai provavelmente foi com o carro daquele jeito para o trabalho no dia seguinte, e tenho certeza de que isso não lhe desceu bem. Mas o arranhão na pintura não durou muito. Assim que pôde, levou o carro à oficina e mandou apagarem o risco.



# 3

Em algum momento, meu irmão, geralmente tranquilo, começou a ficar preocupado. Não sei bem quando isso surgiu ou por que aconteceu, mas o fato era que Craig — o menino que cumprimentava o bairro inteiro, que cochilava sempre que tinha dez minutos onde quer que estivesse — foi ficando mais inquieto e alerta em casa, convicto de que uma catástrofe estava prestes a acontecer. Nos fins de tarde no nosso apartamento, ele se preparava para qualquer eventualidade. Preocupado com a possibilidade de ficar cego, ele passou a usar uma venda em casa para aprender a circular pela sala de estar e pela cozinha usando o tato. Preocupado com a possibilidade de ficar surdo, começou a aprender sozinho a língua de sinais. Acho que Craig também temia uma amputação, o que o levou a fazer várias refeições e deveres de casa com o braço direito amarrado às costas. Porque nunca se sabe.

O maior medo de Craig, porém, provavelmente era também o mais realista: o de fogo. Incêndios em casas eram algo comum em Chicago, em parte porque os senhorios deixavam os imóveis caírem aos pedaços e ficavam mais do que felizes em receber o seguro quando o fogo se alastrava. Detectores de fumaça eram dispositivos novos e ainda caros para o bolso da classe trabalhadora. Na estreita malha

urbana da nossa cidade, incêndios eram quase uma realidade da vida, um destruidor aleatório, mas persistente, de casas e corações. Meu avô Southside havia se mudado para o nosso bairro depois que um incêndio destruiu sua velha casa no West Side, mas por sorte ninguém se feriu. (Segundo minha mãe, Southside ficou parado no meio-fio diante da casa em chamas, berrando para que os bombeiros mirassem as mangueiras para longe de seus preciosos álbuns de jazz.) Tempos depois, aconteceu uma tragédia quase grande demais para minha cabeça ainda jovem compreender: um dos meus colegas de turma do quinto ano — um menino de rosto meigo e um longo cabelo afro chamado Lester McCullom, que morava perto de nós — havia morrido em um incêndio que também matou seu irmão e sua irmã, os três encurralados pelas chamas nos quartos do segundo andar.

Foi o primeiro velório a que compareci na vida: todas as crianças do bairro chorando numa casa funerária enquanto um álbum do Jackson 5 tocava baixinho ao fundo; os adultos calados, em choque. Havia três caixões fechados na sala, cada um com uma fotografia emoldurada de uma criança sorridente sobre a tampa. A sra. McCullom, que sobreviveu junto com o marido pulando da janela, estava sentada diante deles, tão curvada e abatida que doía só de olhar para ela.

Por dias a fio, o esqueleto da casa queimada dos McCullom continuou chiando e desmoronando. O cheiro de fumaça pairava no bairro.

Conforme o tempo foi passando, Craig foi ficando mais ansioso. Na escola, fazíamos exercícios de evacuação liderados pelos professores, que ensinavam a parar, abaixar e rolar. Como resultado, Craig decidiu que precisávamos deixar a casa mais segura. Ele se elegeu o chefe da brigada de incêndio da família. Eu era sua tenente, abrindo o caminho

de fuga durante os exercícios ou dando ordens aos nossos pais quando necessário. Se houvesse um incêndio, queríamos estar preparados. Aquilo era importante. Nossa família não era apenas pontual: chegávamos cedo a todos os compromissos. Isso deixava meu pai menos vulnerável, pois garantia que não teria problemas para encontrar uma vaga que não o fizesse andar muito ou uma cadeira acessível numa das partidas de basquete de Craig. A lição era que, na vida, você controla o que pode.

Pensando nisso, revisávamos nossas possíveis rotas de fuga, tentando imaginar se, em caso de incêndio, podíamos pular da janela e nos agarrar no telhado do vizinho ou no carvalho na frente da casa. Imaginávamos o que aconteceria se alguma panela pegasse fogo e causasse um incêndio na cozinha, se houvesse um incêndio elétrico no porão ou um raio caísse na casa. Craig e eu não nos preocupávamos com nossa mãe em caso de emergência. Ela era pequena e ágil, uma daquelas pessoas que, se preciso, seria capaz de levantar um carro para salvar um bebê. O mais difícil era falar da deficiência do papai — a verdade óbvia mas velada de que ele não poderia saltar de uma janela como nós e de que fazia anos que não o víamos correr.

Percebemos que, se a situação ficasse complicada, nosso resgate não aconteceria de forma organizada, como naqueles filmes que víamos na TV depois da escola. Nosso pai não nos colocaria nos ombros como Hércules e nos carregaria para um lugar seguro. Era mais fácil Craig fazer isso, pois uma hora ou outra ele ficaria mais alto do que meu pai — apesar de, na época, ainda ser um menino de ombros estreitos e pernas finas que parecia entender que qualquer heroísmo de sua parte exigiria prática. Por isso, durante nossas simulações de incêndio em família, ele começou a imaginar as piores situações, mandando meu

pai se abaixar, instruindo-o a ficar deitado, deixando o corpo solto e pesado como uma saca, como se tivesse desmaiado ao inalar a fumaça.

— Ai, meu Deus — dizia papai, balançando a cabeça. — Você vai mesmo fazer isso?

Meu pai não estava acostumado a ficar impotente nas situações. Tomava conta de tudo sozinho, cuidando do nosso carro, pagando as contas em dia, jamais discutindo a esclerose múltipla que progredia ou faltando um dia sequer no trabalho. Meu pai adorava ser o amparo dos outros. O que não conseguia fazer fisicamente, compensava com orientação e apoio, e era por isso que curtia tanto seu trabalho como representante distrital do Partido Democrata. Meu pai adorava a função, o que intrigava minha mãe, considerando o tempo que isso consumia. Ele visitava os bairros vizinhos no fim de semana, muitas vezes me arrastando junto. Estacionávamos o carro e íamos de porta em porta. Viúvas corcundas e operários barrigudos com uma lata de cerveja na mão nos espiavam pelas portas de tela. Em geral, ficavam contentes em ver meu pai na varanda, com um sorriso largo no rosto e a bengala na mão.

— *Fraser!* — diziam. — Que surpresa. Entra.

Para mim, isso nunca era uma boa notícia. Significava que teríamos que entrar mesmo. Significava que eu ia passar minha tarde de domingo inteira sentada num sofá bolorento ou na mesa da cozinha tomando um refrigerante enquanto meu pai ouvia reclamações, que depois repassava a um representante eleito. Quando alguém tinha problemas com a coleta de lixo ou a limpeza da neve ou se irritava com um buraco na pista, meu pai estava ali para escutar. Seu objetivo era ajudar as pessoas a se sentirem cuidadas pelos democratas — e votarem neles nas eleições seguintes. Para meu desespero, ele nunca

apressava ninguém. Para meu pai, o tempo era um presente que se dava aos outros. Ele ria em tom de aprovação ao ver fotos de netos fofos, aguentava com paciência as fofocas e as longas ladainhas sobre problemas de saúde, e assentia, com conhecimento de causa, ao ouvir histórias de aperto financeiro. Abraçava as senhoras quando finalmente íamos embora, garantindo que faria o melhor para resolver o que fosse possível.

Meu pai tinha fé em sua capacidade de ser útil. Se orgulhava disso. Por isso, em casa, nos treinamentos de incêndio, ele não tinha o menor interesse em ser um simples adereço passivo, mesmo numa simulação de crise. Não tinha a menor intenção, em nenhuma circunstância, de acabar sendo o cara inconsciente no chão. Mas, em certa medida, ele parecia entender que isso tinha importância para nós — principalmente para Craig. Quando pedíamos que se deitasse, ele fazia a nossa vontade, caindo primeiro de joelhos, depois sentado, em seguida se estirando de costas no carpete da sala de estar. Trocava olhares com a minha mãe, que achava aquilo tudo meio engraçado, como se dissesse: *Essas crianças!*

Ele suspirava e fechava os olhos, esperando sentir as mãos de Craig o agarrarem firme por debaixo dos ombros para dar início à operação de resgate. Minha mãe e eu assistíamos enquanto, com grande esforço e muita falta de jeito, meu irmão arrastava nosso pai de oitenta quilos através do fogo imaginário, puxando-o pelo chão, contornando o sofá e por fim chegando à escada.

Craig concluiu que dali provavelmente poderia arrastar o corpo do meu pai escada abaixo e tirá-lo pela porta lateral com segurança. Meu pai nunca deixou meu irmão ensaiar essa parte, dizendo, com delicadeza, “Agora já chega”, e se levantando antes que Craig tentasse

puxá-lo. Mas pelo menos a ideia estava clara para os dois. Se acontecesse um incêndio, a fuga não seria nada fácil ou tranquila, e, óbvio, não havia nenhuma garantia de que qualquer um de nós sobreviveria. Mas, se o pior acontecesse, pelo menos teríamos um plano.

AOS POUCOS, EU IA ME TORNANDO uma pessoa mais extrovertida e sociável, disposta a me abrir para a desordem do mundo. Minha resistência natural ao caos acabou sendo derrotada por todas as horas que passei acompanhando meu pai nas visitas ao distrito eleitoral, além de todos os passeios de fim de semana para ver dezenas de tias, tios e primos, sentados no meio de grandes nuvens de fumaça de churrasco nos quintais ou correndo com as crianças da vizinhança em bairros que não eram o nosso.

Minha mãe tinha seis irmãos. Meu pai era o mais velho de cinco filhos. Os parentes da minha mãe costumavam se reunir ali no bairro, na casa de Southside, atraídos pelos pratos que meu avô cozinhava, pelo carteado e pela exuberante explosão do jazz. Southside era como um ímã para todos nós. Estava sempre desconfiado do mundo além de seu quintal e preocupado com a segurança e o bem-estar de todos. Por isso se dedicava a criar um ambiente onde estivéssemos sempre bem alimentados e entretidos, provavelmente torcendo para que nunca quiséssemos nos mudar para longe. Ele chegou a me dar um cachorro, um pastor vira-lata castanho que batizamos de Rex. Minha mãe não permitiu que ele morasse na nossa casa, mas eu o visitava o tempo todo na casa de Southside, onde me deitava no chão com o rosto afundado em seus pelos macios, escutando seu rabo sacudir em sinal de felicidade sempre que Southside passava perto. Southside

mimou o cachorro do mesmo jeito que me mimava, com comida, amor e tolerância — tudo isso numa súplica silenciosa e sincera de que jamais o abandonasse.

Já a família do meu pai se espalhava pelo vasto South Side de Chicago e contava com um monte de tias-avós e primos de terceiro grau. Orbitávamos em torno de todos eles. Em silêncio, eu calculava aonde íamos pelo número de árvores que via na rua. Em geral, os bairros mais pobres não tinham árvores. Mas, para o meu pai, todo mundo era família. Ele ficava radiante quando via seu tio Calio e adorava a tia Verdelle, que vivia com seus oito filhos em um prédio em mau estado em uma vizinhança onde mesmo Craig e eu entendíamos que as regras de sobrevivência eram muito diferentes.

Nas tardes de domingo, nós quatro íamos de carro a Parkway Gardens para jantar com os pais do meu pai — que chamávamos de Dandy e Vovó — e seus três irmãos mais novos, Andrew, Carleton e Francesca. Eles nasceram mais de uma década depois do meu pai, portanto pareciam mais nossos irmãos do que tios. Eu tinha a impressão de que meu pai parecia mais um pai do que um irmão para os três, oferecendo conselhos e dando dinheiro quando precisavam. Francesca era uma mulher inteligente e linda, que às vezes me deixava pentear seu cabelo longo. Andrew e Carleton tinham vinte e poucos anos e eram supermodernos. Usavam calça boca de sino e gola rulê. Tinham jaqueta de couro, namoradas e falavam de coisas como Malcolm X e “soul power”. Craig e eu passávamos horas no quarto com eles, nos fundos do apartamento, tentando absorver o estilo deles.

Meu avô, também chamado Fraser Robinson, sem dúvida era menos divertido — um patriarca que vivia de charuto na boca e se

sentava na cadeira reclinável com o jornal aberto no colo e o noticiário da noite em volume máximo na TV. Sua personalidade era totalmente diferente da do meu pai. Para Dandy, tudo era irritante. Ficava indignado com as manchetes do dia, com a situação do mundo exibida na TV e até com os jovens negros — que ele chamava de bestinhas —, pois achava que ficavam circulando pelo bairro como inúteis, dando a todos os negros uma má reputação. Ele gritava com a TV. Gritava com a minha avó, uma mulher doce, de voz suave e cristã devota chamada LaVaughn. (Meus pais me deram o nome de Michelle LaVaughn Robinson em homenagem a ela.) De dia, minha avó gerenciava habilmente uma próspera livraria de bíblias no Far South Side, mas nas horas de folga com Dandy era reduzida a uma pessoa submissa, o que me deixava confusa, mesmo quando jovem. Ela preparava as refeições dele e absorvia seu fluxo constante de reclamações sem dizer nada em defesa própria. Eu ainda era muito nova, mas algo no silêncio e na passividade da minha avó me deixava incomodada.

Segundo minha mãe, eu era a única pessoa da família que respondia Dandy à altura quando ele gritava. Fazia isso regularmente, porque ficava enlouquecida de ver que minha avó não se manifestava e porque todo mundo se calava perto dele. Também o fazia porque amava Dandy, por mais difícil que fosse entendê-lo. Eu reconhecia a teimosia dele em mim mesma. Dandy também podia ser uma pessoa muito suave, mas esses eram momentos que eu apenas vislumbrava. Às vezes, ele massageava meu pescoço com ternura quando eu me sentava aos pés de sua poltrona reclinável. Sorria quando meu pai falava alguma coisa engraçada ou uma das crianças enfiava uma



palavra sofisticada no meio da conversa. Mas aí algo o irritava e ele voltava a ser ríspido.

— Para de gritar com todo mundo, Dandy — pedia eu.

Ou:

— Não precisa ser grosso com a vovó.

Volta e meia eu acrescentava:

— Por que o senhor está tão nervoso?

A resposta para essa pergunta era ao mesmo tempo complexa e simples. Dandy a deixava sem resposta, dando de ombros com irritação e voltando a atenção para o jornal. Já em casa, porém, meus pais tentavam me explicar.

Dandy era do Low Country, na costa da Carolina do Sul, e havia crescido no porto marítimo de Georgetown, onde milhares de escravos haviam trabalhado em vastas plantações, colhendo safras de arroz e anileira e enriquecendo seus donos. Nascido em 1912, meu avô era neto de escravos, filho de um operário e o mais velho de dez irmãos. Menino perspicaz e inteligente, ganhou o apelido de “Professor” e logo fixou como objetivo um dia fazer faculdade. Mas não só era negro e de família pobre como também atingiu a maioria durante a Grande Depressão. Depois de terminar o ensino médio, Dandy foi trabalhar em uma serraria, sabendo que, caso permanecesse em Georgetown, jamais ampliaria seu leque de opções. Quando a serraria fechou, ele, assim como muitos afro-americanos de sua geração, decidiu se arriscar e se mudou para Chicago, fazendo parte do movimento que se tornaria conhecido como Grande Migração para o Norte, em que 6 milhões de negros do Sul se deslocaram para grandes cidades do Norte no decorrer de cinco

décadas, fugindo da opressão racial e indo atrás de empregos na indústria.

Se fosse uma história de Sonho Americano, Dandy, que chegou a Chicago no início da década de 1930, encontraria um bom emprego e um caminho para entrar na faculdade. Mas a realidade foi bem diferente. Os empregos eram escassos, limitados em parte pelo fato de que os gerentes de algumas das grandes fábricas de Chicago viviam contratando imigrantes europeus em vez de trabalhadores afro-americanos. Dandy aceitava todo tipo de trabalho, desde arrumar os pinos em uma pista de boliche a qualquer bico como faz-tudo. Aos poucos, deixou de lado as expectativas de fazer faculdade, pensando em estudar para ser eletricitista, o que também não foi possível. Se quisesse trabalhar como eletricitista (ou como siderúrgico, carpinteiro ou encanador) em canteiros de grandes obras de Chicago, precisaria de uma carteira do sindicato. E, sendo negro, havia uma enorme probabilidade de que não conseguiria tirá-la.

Essa forma de discriminação mudou o destino de gerações de afro-americanos, inclusive o de muitos homens da minha família. Limitava a renda, as oportunidades e, com o tempo, seus sonhos. Como carpinteiro, Southside não podia trabalhar para as grandes empreiteiras que ofereciam salários estáveis, já que não podia ser membro de sindicatos. Meu tio-avô Terry, marido de Robbie, abandonou a carreira de encanador pelo mesmo motivo, tornando-se assistente de vagões. Na família da minha mãe, tio Pete não pôde ser membro do sindicato de taxistas e acabou dirigindo um táxi clandestino, pegando clientes que moravam em partes menos seguras do West Side, aonde táxis normais não gostavam de ir. Eram homens muito inteligentes e fisicamente capacitados a quem foram negados

*image  
not  
available*

Mas eu sabia aonde ela queria chegar. Não havia como negar, embora tivesse acabado de fazer isso. Eu falava, sim, diferente de alguns dos meus parentes, e Craig também. Nossos pais tinham nos ensinado a importância do uso da dicção adequada, de não comermos o final das palavras e de usarmos o tempo verbal correto. Nos ensinaram a pronunciar as palavras até o fim. Nos deram um dicionário e a *Enciclopédia britânica* completa, que moravam na prateleira da escada do nosso apartamento, os títulos em dourado. Eles nos aconselhavam a consultar esses livros sempre que tivéssemos uma dúvida sobre uma palavra, um conceito ou uma passagem da história. Dandy também nos influenciava, corrigindo nossa gramática ou nos obrigando a pronunciar as palavras corretamente quando jantávamos em sua casa. Dandy e meus pais queriam que tivéssemos mais oportunidades do que haviam tido. Eles planejavam isso. Incentivavam. Não esperavam apenas que fôssemos inteligentes, mas que assumíssemos nossa inteligência — que a empregássemos com orgulho —, e isso se refletia no nosso jeito de falar.

Mas isso também podia ser um problema. Falar de certo modo — o modo “branco”, como diriam alguns — era visto como uma traição, uma arrogância, uma rejeição da nossa cultura. Anos mais tarde, depois de conhecer e me casar com meu marido — um homem de pele clara para algumas pessoas e pele escura para outras, que fala como um havaiano negro formado numa universidade prestigiada e criado por pessoas da classe média branca do Kansas —, eu veria essa confusão se desenrolar em nível nacional tanto entre brancos como entre negros. Eu via a necessidade que as pessoas tinham de definir os outros por sua etnia ou pela cor de sua pele. Os Estados Unidos fariam a Barack Obama as mesmas perguntas que minha prima me fez

*image  
not  
available*

vulnerabilidade misturada com insegurança e fortalecida pelo medo. Esses “sentimentos de fracasso” que ele mencionou já estavam espalhados por todos os cantos do nosso bairro, sob a forma de pais que não conseguiam melhorar de vida financeira, de crianças que começavam a desconfiar que suas vidas não seriam diferentes, de famílias que viam os vizinhos melhor de vida irem embora para o subúrbio ou transferir os filhos para escolas católicas. Os corretores de imóveis só pioravam as coisas ao sugerir para os proprietários que eles deveriam vender seus imóveis antes que fosse tarde demais. Os comentários levavam as pessoas a sentir que o fracasso estava por vir, que na verdade já tinha meio que chegado. A pessoa podia ficar presa nas ruínas ou fugir. Eles usaram a palavra que todo mundo mais temia — “gueto” —, jogando-a na conversa como se fosse um fósforo aceso.

Minha mãe não acreditava em nada disso. Já morava em South Shore havia dez anos e acabaria ficando mais quarenta. Não levou a sério esse jogo de medo nem qualquer tipo de utopia. Era uma realista que só enxergava o que estava à sua frente, controlando o que podia.

Na Bryn Mawr, ela se tornou uma das participantes mais ativas da Associação de Pais e Mestres, ajudando a arrecadar dinheiro para novos equipamentos para as salas de aula e dando jantares para mostrar apreço pelos professores. Ela também ajudou a convencer a escola a criar uma sala especial, para alunos de diferentes anos com alto desempenho. Foi ideia do dr. Lavizzo. Os mais inteligentes eram colocados juntos para aprenderem em um ritmo mais acelerado.

A ideia era controversa, como costumam ser todos os programas para “superdotados”. Mas me beneficieei dela nos meus últimos três anos de Bryn Mawr. Entrei no grupo de cerca de vinte alunos de anos diferentes, acomodado em uma sala autossuficiente afastada do resto

*image  
not  
available*

— Não estou criando bebês — dizia. — Estou criando adultos.

Ela e meu pai nos davam diretrizes, não regras. Isso quer dizer que, quando adolescentes, não tínhamos uma hora exata para o toque de recolher. Eles preferiam perguntar “Que horas você acha razoável estar de volta em casa?” e confiavam que manteríamos a palavra.

Um dia, quando Craig estava no oitavo ano, uma menina de quem gostava o chamou para ir à casa dela, deixando claro que os pais não estariam lá e que eles ficariam a sós.

Meu irmão ficou sem saber o que fazer — estava empolgado com a oportunidade, mas sabia que era um comportamento artiloso e desonroso, do tipo que meus pais jamais aprovariam. Mas isso não o impediu de contar à minha mãe uma meia verdade, informando sobre a garota, mas dizendo que se encontrariam numa praça pública.

Dominado pela culpa antes mesmo de levar a história adiante — aliás, por sequer cogitar a hipótese —, Craig acabou confessando o esquema de ficarem sozinhos em casa, esperando ou talvez até torcendo que minha mãe ficasse uma fera e o proibisse de ir.

Mas não foi o que aconteceu. Ela não faria isso. Não era seu modo de agir.

Ela escutou, mas o deixou responsável pela escolha.

— Faça como achar melhor — disse, antes de voltar para a louça na pia e para a pilha de roupas lavadas que precisava dobrar.

Esse foi outro empurrãozinho para o mundo. Tenho certeza de que, no coração dela, minha mãe já sabia que ele tinha tomado a decisão certa. Hoje percebo que todas as medidas que tomava tinham suas raízes na segurança silenciosa de que estava nos criando para sermos adultos. Nossas decisões cabiam a nós. A vida era nossa, não dela, e sempre seria assim.



*image  
not  
available*

Aos poucos eu me afastava dos meus pais, cada vez menos tentada a expressar todos os meus pensamentos. Ficava calada no banco traseiro do Buick quando voltávamos desses jogos de basquete para casa, meus sentimentos intensos ou confusos demais para compartilhar. Estava muito absorta no encanto solitário de ser adolescente, convicta de que os adultos ao meu redor não tinham vivido aquilo.

De vez em quando, à noite, eu saía do banheiro depois de escovar os dentes e via o apartamento no escuro, as luzes da sala de estar e da cozinha apagadas, todo mundo acomodado no próprio canto. Via um brilho sob a porta de Craig e sabia que ele estava fazendo o dever de casa. Via a luz da TV saindo do quarto dos meus pais e os ouvia conversando baixinho, dando risada. Assim como nunca tinha parado para refletir sobre o que minha mãe achava de ser mãe em tempo integral, uma dona de casa, eu também nunca tinha pensado no que era ser casado. Mas agora compreendo que mesmo um casamento feliz pode ser desafiador, que esse tipo de relacionamento precisa ser renovado repetidamente. Para mim, a união dos meus pais era algo garantido. Era o fato simples e concreto sobre o qual a vida de nós quatro era construída.

Muito tempo depois, minha mãe me contaria que todo ano, quando chegava a primavera e Chicago esquentava, ela cogitava deixar meu pai. Para ela, tratava-se de uma fantasia ativa, algo que lhe parecia saudável e talvez até revigorante — quase um ritual de primavera.

Se você nunca passou um inverno em Chicago, vou descrever como é: você pode viver cem dias ininterruptos sob um céu cor de chumbo, que se aloja como uma tampa sobre a cidade. Ventos gelados e cortantes sopram do lago. A neve cai de todas as formas: como grandes descargas à noite, como rajadas de dia, como pedras de

*image  
not  
available*

alto desempenho de todas as cores. O corpo estudantil era para ser 40% de negros, 40% de brancos e 20% de hispânicos e outras etnias. Mas, quando estudei lá, cerca de 80% dos alunos não eram brancos.

Só a ida para a escola no primeiro dia do ensino médio já foi uma experiência totalmente nova, com noventa minutos de uma viagem complicada por duas linhas de ônibus, além de uma baldeação no centro da cidade. Levantei da cama às cinco da manhã, vesti roupas novas e um belo par de brincos. Tomei o café da manhã sem ter ideia de onde seria o almoço. Disse tchau para os meus pais sem saber se ainda seria eu mesma no fim do dia. O ensino médio deveria ser uma época de mudanças. E, para mim, era na Whitney Young que tudo ia acontecer.

A escola era incrível e moderna, diferente de qualquer outra que eu já tinha visto. Havia um prédio inteiro dedicado às artes, com salas especiais para o coral e as bandas, outras para fotografia e cerâmica. O espaço todo foi construído como um templo ao aprendizado. Um mar de alunos passou pela entrada, determinados já no primeiro dia.

Havia cerca de 1900 alunos na Whitney Young, e todos pareciam mais velhos e mais seguros do que eu jamais seria. Eu era uma das alunas mais velhas na Bryn Mawr e agora estava entre os mais novos do ensino médio. Ao descer do ônibus, notei que, além da mochila com os livros, muitas meninas também carregavam bolsas de verdade.

Minha maior preocupação com relação à escola era: *Eu sou boa o suficiente?* Essa questão me assolou ao longo do primeiro mês, mesmo me habituando a acordar mais cedo e a circular entre os edifícios para as aulas. A Whitney Young era subdividida em cinco “casas”, cada uma delas servindo de base para seus membros, feitas para tornar mais amigável a experiência em uma escola grande. Eu ficava na Casa

*image  
not  
available*

Esse era meu novo mundo. Não quero dizer que todos os alunos da escola eram ricos ou muito sofisticados. Havia um monte de estudantes que vinha de bairros como o meu, que tinha enfrentado muito mais adversidades do que eu jamais enfrentaria. Mas meus primeiros meses na Whitney Young me mostraram algo antes invisível: como relações e privilégios dão vantagens a algumas pessoas sobre outras.

MINHA PRIMEIRA RODADA de notas foi muito boa, e a segunda também. Ao longo do primeiro e do segundo anos, desenvolvi a mesma autoconfiança que tinha na Bryn Mawr. A cada pequena conquista, a cada erro que evitava, minhas dúvidas iam se dissipando. Eu gostava da maioria dos professores. Não tinha medo de levantar a mão em aula. Na Whitney Young, era seguro ser inteligente. A crença era de que todos ali se empenhavam para chegar à faculdade, por isso ninguém escondia a inteligência com medo de dizerem que você falava como um branco.

Eu adorava qualquer matéria que envolvesse escrever e precisava me esforçar muito naquelas que tinham matemática. Até que não me saía mal em francês. Alguns colegas estavam sempre um ou dois passos à minha frente. Eles pareciam conquistar tudo sem fazer o menor esforço, mas eu tentava não me incomodar. Começava a entender que, se dedicasse algumas horas extras aos estudos, muitas vezes conseguia compensar a diferença. Não era uma aluna que só tirava dez, mas sempre tentava, e em certos semestres cheguei perto disso.

Enquanto isso, Craig havia se matriculado na Universidade Princeton, deixando um buraco de quase dois metros e noventa quilos no

*image  
not  
available*

era boba quando estávamos no meio de um grupo maior, mas quando estávamos sozinhas éramos profundas e intensas, duas filósofas tentando resolver as questões da vida, grandes ou pequenas. Passávamos horas no chão do quarto de Santita, no segundo andar da casa branca estilo Tudor de sua família, em Jackson Park Highlands, uma área mais próspera de South Shore, conversando sobre o que nos irritava, como seria nosso futuro e o que entendíamos ou não no mundo. Como amiga, ela era uma boa ouvinte e me ajudava, e eu tentava ser assim com ela também.

O pai de Santita era famoso. Esse era um fato incontornável da vida dela. Ela era a filha mais velha do reverendo Jesse Jackson, um pastor batista impetuoso e líder político poderoso. Jackson tinha trabalhado com Martin Luther King Jr. e fundado uma organização política chamada Operação PUSH, que defendia os direitos dos afro-americanos. Quando eu e Santita estávamos no ensino médio, ele já era uma celebridade. Percorria o país convocando os negros a se desvencilhar dos estereótipos negativos e reivindicar o poder político que lhes era negado havia tanto tempo. Fazia crianças assinarem promessas de que desligariam a TV e dedicariam duas horas da noite ao dever de casa. Fazia os pais jurarem que seriam participativos. Rechaçava a sensação de fracasso que crescia em tantas comunidades afro-americanas, instando as pessoas a assumir o controle do próprio destino.

— Ninguém, mas ninguém mesmo, é pobre demais para desligar a TV durante duas horas por dia! — berrava ele.

Ficar na casa de Santita era estimulante. Era um lugar aconchegante e meio caótico, lar dos cinco filhos da família, cheio de móveis vitorianos e antigos objetos de vidro que a mãe de Santita, Jacqueline,



*image  
not  
available*

No começo do meu último ano na Whitney Young, fui à primeira entrevista com a orientadora a quem fui atribuída.

Não sei muito o que dizer sobre a orientadora porque quase instantaneamente apaguei essa experiência da minha cabeça. Não me lembro de sua idade, cor ou como ela me olhou no dia em que apareci na porta de seu escritório, orgulhosa de me formar entre os 10% melhores da turma, de que tinha sido eleita a tesoureira da classe, entrado para a organização National Honor Society (que dá reconhecimento aos melhores estudantes do ensino médio dos Estados Unidos) e conseguido superar praticamente todas as inseguranças que tinha ao chegar lá, tensa, no início do ensino médio. Não sei se ela conferiu meu boletim antes ou depois que anunciei o interesse em ir para Princeton no outono seguinte, onde meu irmão já estudava.

Na verdade, é possível que na breve reunião a orientadora tenha me dito coisas positivas e úteis, mas não me recordo de nada. Porque, estando ela certa ou errada, eu me concentrei em apenas uma frase que ouvi.

— Não sei bem se você serve para Princeton — disse ela, me lançando um sorriso falso.

Seu julgamento foi tão ligeiro quanto desdenhoso, provavelmente baseado em uma olhada nas minhas notas na escola e nos exames de admissão. Imagino que ela passava o dia inteiro fazendo aquilo e dizendo a alunos do último ano onde se encaixavam ou não. Tenho certeza de que ela imaginava que estava sendo apenas realista. Duvido que tenha pensado duas vezes na nossa conversa.

Mas, como eu já disse, o fracasso começa como um sentimento bem antes de se tornar realidade. E, para mim, parecia ser exatamente o

*image  
not  
available*

Durante o ano letivo, David frequentava uma faculdade fora do estado, o que o impedia de ser uma distração dos meus estudos. Nos feriados e nas férias, porém, ele voltava para casa e ficava com a mãe no sudoeste da cidade, e quase todo dia me buscava de carro em casa.

David era tranquilo e também mais maduro do que qualquer outro namorado que eu já havia tido. Sentava-se no sofá e assistia a jogos com meu pai. Jogava papo fora com Craig e tinha conversas educadas com minha mãe. Tínhamos encontros de verdade, jantávamos no Red Lobster e íamos ao cinema. De dia, na encadernadora, usávamos a pistola de cola e fazíamos piadas até não termos mais nada a dizer. Nosso único interesse no trabalho era guardar dinheiro para a faculdade. Eu logo iria embora da cidade. De certa forma, eu já havia ido — minha mente já estava vagando para os lados de Princeton.

Isso significa que, na noite do início de agosto em que o trio pai-filha-namorado finalmente saiu da estrada e entrou na avenida ampla e frondosa que levava ao campus, eu já estava mais que pronta para dar o pontapé inicial. Estava pronta para levar minhas duas malas ao dormitório do programa de verão, pronta para apertar a mão dos outros alunos que chegariam (basicamente estudantes de minorias e de baixa renda, com alguns atletas no meio). Estava pronta para provar a comida do refeitório, decorar o mapa do campus e dar conta de qualquer tarefa que surgisse à minha frente. Eu estava lá. Tinha conseguido. Tinha dezessete anos e minha vida estava prestes a começar.

Só havia um problema: David. Assim que cruzamos a fronteira da Pensilvânia, ele começou a ficar com uma cara triste. Enquanto lutávamos para tirar a bagagem do porta-malas do meu pai, percebi que ele já estava se sentindo solitário. Já namorávamos fazia mais de

*image  
not  
available*

com os pés no plástico do colchão do dormitório. Havia muito a aprender sobre esportes. Fui criada assistindo a futebol americano, basquete e beisebol, mas descobri que os alunos de escolas particulares da Costa Leste iam além. O lacrosse era uma sensação. O hóquei era uma sensação. Até o squash era uma sensação. Para uma menina do South Side, era meio atordoante. “Você faz regatas?” O que as pessoas queriam dizer com isso?

Eu só tinha uma vantagem, a mesma de quando entrei no jardim de infância: ainda era a irmãzinha de Craig Robinson — agora no terceiro ano e um grande jogador do time de basquete universitário. Como sempre, ali Craig também tinha fãs. Até mesmo os seguranças do campus o cumprimentavam pelo nome. Craig tinha vida própria, mas consegui participar dela. Conheci seus colegas de equipe e seus amigos.

Craig trabalhava como zelador e em troca não pagava aluguel num quarto no Third World Center, uma organização de auxílio a alunos de raças e etnias marginalizadas.

O Third World Center — ou TWC, como a maioria o chamava — logo se tornou uma espécie de base para mim. Havia festas, almoços e jantares ali. Monitores voluntários nos ajudavam a fazer os trabalhos e a achar espaços para relaxar. Fiz um bocado de amigos instantâneos durante o programa de verão, e muitos de nós íamos para o centro nas horas vagas. Entre eles estava Suzanne Alele. Suzanne era alta e magra, de sobrancelhas grossas e cabelo preto volumoso que caía como uma cascata reluzente nas costas. Tinha nascido na Nigéria e crescido em Kingston, na Jamaica, mas a família tinha se mudado para Maryland quando ela era adolescente. Talvez por isso parecesse livre de uma única identidade cultural. As pessoas se encantavam com Suzanne.

*image  
not  
available*

me dava sempre que terminava de organizar alguma coisinha. Mas, acima de tudo, adorava minha chefe, Czerny Brasuell.

Czerny era uma mulher negra animada, inteligente e linda, que usava jeans com barras largas e sandálias plataforma e parecia estar sempre tendo quatro ou cinco ideias ao mesmo tempo. Para os estudantes negros em Princeton, era uma mentora e defensora, que trabalhava para tornar a universidade mais inclusiva para nós. Trabalhar com ela foi uma experiência incrível — o mais próximo que eu já havia chegado de uma mulher independente com um emprego que adorava. Ela também era mãe solo, tinha um menino fofo e inteligente chamado Jonathan, de quem às vezes eu cuidava.

Czerny viu potencial em mim, embora nitidamente me faltasse experiência de vida. Ela me tratava como adulta, pedia minhas opiniões, escutava quando eu descrevia as diversas preocupações e confusões administrativas relatadas pelos estudantes. Ela parecia decidida a me tornar mais audaz. Suas perguntas sempre começavam com “Você alguma vez na vida...?”. Alguma vez na vida eu tinha, por exemplo, lido a obra de James Cone? Alguma vez na vida havia questionado os investimentos de Princeton na África do Sul, ou se a universidade poderia fazer mais para recrutar estudantes de minorias? Em geral, a resposta era não, mas bastava ela mencionar algo que eu ficava imediatamente interessada.

— Você já foi a Nova York? — indagou ela certa vez.

A resposta foi não, mas Czerny logo mudou isso. Numa manhã de sábado, nos esprememos no carro dela (eu, o pequeno Jonathan e outra amiga que também trabalhava no TWC) e viajamos, Czerny pisando fundo no acelerador rumo a Manhattan, falando o tempo



*image  
not  
available*

fazer todo o possível para acompanhar ou até superar os mais privilegiados ao meu redor. Assim como tinha sido na Whitney Young, minha intensidade era pelo menos em parte inspirada em um sentimento de *Você vai ver só*. Se no ensino médio eu tinha a impressão de estar representando meu bairro, em Princeton estava representando minha cor. Sempre que encontrava minha voz em aula ou gabaritava uma prova, esperava secretamente ter ajudado a defender uma ideia maior.

Com o tempo eu descobriria que Suzanne não era de pensar muito nas coisas. Ela tomava a maioria das decisões — com quem namoraria, quais matérias cursaria — com base acima de tudo na diversão que provavelmente lhe proporcionaria. E quando as coisas não estavam divertidas, ela mudava logo de rumo. Enquanto eu participava da Organization for Black Unity e geralmente ficava perto do Third World Center, Suzanne treinava atletismo na pista de corrida e administrava o time de futebol americano da modalidade Sprint, curtindo a proximidade com homens bonitos e atléticos. No clube da universidade tinha amigos brancos e ricos, inclusive um astro de cinema adolescente e uma aluna europeia que, segundo boatos, era uma princesa de fato. Os pais de Suzanne a pressionavam a fazer medicina, mas ela acabou desistindo da ideia porque isso tirava sua alegria. A certa altura, a universidade determinou que ela deveria melhorar as notas, mas nem isso pareceu incomodá-la muito. Nosso quarto parecia um campo de batalha ideológico, com o lado de Suzanne lembrando uma terra arrasada, cheio de roupas largadas e papéis espalhados, enquanto eu me mantinha empertigada na minha cama, com todas as minhas posses cuidadosamente organizadas.

*image  
not  
available*

que passamos conversando ao telefone enquanto eu fazia faculdade, ele nunca comentou sobre a própria saúde.

Se eu perguntava como ele estava se sentindo, a resposta era sempre: “Estou bem”. E só.

Eu deixava a voz dele me confortar. Ela não dava nenhum sinal de dor ou autopiedade, apenas bom humor, leveza e um toquezinho de jazz. Eu vivia dela como se fosse oxigênio. Era cheia de amor e sempre me bastava. Antes de desligar, ele sempre perguntava se eu precisava de alguma coisa — dinheiro, por exemplo —, mas nunca respondi que sim.

*image  
not  
available*

Norte, pulsando em nós quase como um segundo coração. Mesmo quando criança, eu entendia que o Sul era parte de mim e minha herança. Era algo importante o suficiente para fazer meu pai retornar lá e visitar seu povo. Era poderoso o bastante para Dandy querer se mudar de volta para Georgetown, embora tivesse precisado escapar de lá durante a juventude. Quando ele voltou, não foi morar em um pequeno e idílico chalé à beira do rio, com uma cerca branca e um quintal arrumado, mas sim (conforme vi quando Craig e eu fomos visitá-lo) numa casa padronizada e sem graça perto de um shopping apinhado de gente.

O Sul não era o paraíso, mas significava algo para nós. Era parte da nossa história, ainda que essa história envolvesse um terrível legado de racismo. Muitas das pessoas que eu conhecia em Chicago — as crianças com quem tinha estudado na Bryn Mawr e muitas das minhas amigas na Whitney Young — tinham uma história familiar parecida. As crianças simplesmente “desciam para o Sul” todo verão, onde corriam com seus primos de segundo grau na Geórgia, na Louisiana ou no Mississippi. Provavelmente seus avós ou outros parentes haviam participado da Grande Migração, quando famílias negras se mudaram do Sul para o Norte para encontrar trabalho e fugir do racismo. Dandy tinha ido da Carolina do Sul para Chicago, e a mãe de Southside era do Alabama. Como a maior parte das pessoas que fizeram a Grande Migração, provavelmente eram descendentes de escravos.

Isso significava que eu também era, assim como muitos dos meus amigos em Princeton. Mas eu também estava começando a entender que havia outras formas de ser negro nos Estados Unidos. Estava conhecendo jovens de cidades da Costa Leste de raízes porto-

*image  
not  
available*

Cleveland e ir até Chicago, supostamente para me visitar, mas também para encontrar o tipo certo de fantasia de animal peludo para o teste. Passamos uma tarde inteira procurando o traje perfeito para ele. Não sei se Kevin conseguiu o emprego de mascote no fim das contas, mas acabou se tornando médico — e um muito bom.

Na época, eu o julguei injustamente por essa mudança brusca. Não conseguia entender por que alguém não usava logo seu diploma em uma universidade tão cara como Princeton para ter uma vantagem no mundo. Por que um estudante de medicina preferia ser um cachorro gigante que dava saltos-mortais?

Mas esse era o meu ponto de vista. Eu era uma pessoa sistemática, marchando ao ritmo da batida esforço/resultado, esforço/resultado. Era uma dedicada seguidora do caminho estabelecido, até porque ninguém na minha família (além de Craig) jamais tinha colocado os pés no caminho. Eu não tinha uma imaginação fértil ao pensar sobre o futuro. Já estava pensando na faculdade de direito.

A vida na Euclid Avenue tinha me ensinado a ser cuidadosa e prática com relação a tempo e a dinheiro. A maior guinada que eu já fizera tinha sido passar a primeira parte das férias de verão depois do segundo ano de faculdade trabalhando como supervisora de acampamento no vale do Hudson, em Nova York. Cuidava de crianças da cidade que estavam tendo a primeira experiência no campo. Adorei o trabalho, mas não pagava bem. Saí dele no vermelho, mais dependente financeiramente dos meus pais do que gostaria. Embora eles nunca tenham reclamado, durante muitos anos vivi com essa sensação de culpa.

Foi nesse verão que as pessoas que eu amava começaram a morrer. Minha tia-avó e professora de piano, Robbie, faleceu em junho. Ela



*image  
not  
available*

Você subiu a montanha. A maior parte do trabalho é bem chata, mas tem uma que você gosta: ajudar a empresa a contratar jovens advogados. Um dos sócios majoritários da firma pergunta se você pode orientar alguém que viria no programa de associados de verão, e a resposta é fácil: claro que sim. Você ainda não sabe como um simples “sim” poderia mudar sua vida para sempre. Ao lado do seu nome em uma lista há outro, o de um talentoso estudante de direito que está ocupado subindo a própria escada. Assim como você, ele é negro e de Harvard. Fora isso, você não sabe nada — apenas o nome, que é bem esquisito.

*image  
not  
available*

da entrevista disseram que, além da reputação de ser brilhante, Barack também era um gato.

Eu estava cética. Na minha experiência, é só colocar um terno em qualquer homem negro mais ou menos inteligente e as pessoas brancas ficam doidas. Eu duvidava que ele merecesse tamanho alvoroço. Tinha conferido a fotografia de Barack na edição de verão do nosso diretório de funcionários e não ficara impressionada. Ele exibia um sorriso amplo e parecia meio nerd. A biografia informava que ele havia nascido no Havaí, o que pelo menos o tornava um nerd exótico. De resto, nada mais chamava atenção. A única surpresa tinha ocorrido semanas antes, quando dei um telefonema rápido para me apresentar a ele. Fiquei agradavelmente espantada com a voz do outro lado da linha — um barítono encorpado, que não parecia combinar nem um pouco com o cara da foto.

Somente depois de mais de dez minutos ele chegou à recepção do nosso andar. Saí e encontrei o tal Barack Obama sentado em um sofá, vestindo um terno escuro ainda um pouco úmido pela chuva. Ele sorriu timidamente e pediu desculpas pelo atraso quando apertou minha mão. Tinha um sorriso largo e era mais alto e magro do que eu imaginava. Parecia não comer muito e não estar acostumado a usar terno. Se ele sabia que estava chegando com uma reputação de menino-prodígio genial, não demonstrou. Enquanto eu o conduzia pelos corredores até minha sala, mostrando-lhe onde tudo ficava, ele se manteve em silêncio respeitoso, ouvindo atentamente. Cerca de vinte minutos depois, deixei-o com o sócio majoritário que seria seu supervisor efetivo durante o verão e voltei para a minha mesa.

Mais tarde naquele mesmo dia, levei Barack para almoçar no refinado restaurante do primeiro andar de nosso prédio comercial.

*image  
not  
available*

que se tornou imediatamente lendário. Quem era aquele cara? Todos pareciam intrigados.

— Trouxe uma cópia para você — disse Barack certo dia, com um sorriso, deslizando o memorando pela minha mesa.

— Obrigada — respondi, pegando o maço de folhas. — Estou ansiosa para ler.

Assim que ele saiu, enfiei o memorando numa gaveta.

Ele sabia que eu nunca leria? Provavelmente, sim. Tinha me dado o material como uma brincadeira. Nossas especialidades eram diferentes, portanto nossos trabalhos não coincidiam. Eu tinha uma batelada dos meus próprios documentos para enfrentar. E não precisava ficar impressionada. Éramos amigos agora, Barack e eu. Almoçávamos juntos pelo menos uma vez por semana e às vezes mais que isso. Aos poucos, descobrimos mais um sobre o outro. Ele sabia que eu morava com meus pais, que minhas lembranças mais felizes da Escola de Direito de Harvard envolviam o trabalho que fiz no Departamento de Assistência Jurídica. Eu sabia que ele devorava calhamaços de filosofia política como se fossem leitura de praia, que gastava todo o dinheiro que sobrava em livros. Sabia que o pai de Barack havia morrido num acidente de carro no Quênia e que ele viajou até lá para tentar entender mais sobre aquele homem. Sabia que ele amava basquete, fazia longas corridas nos fins de semana e falava com saudade dos amigos e familiares em Oahu. Sabia que ele tivera uma porção de namoradas, mas que não tinha nenhuma agora.

Esta última parte era algo que me julgava capaz de corrigir. Minha vida em Chicago era povoada por mulheres negras bem-sucedidas e solteiras. Ainda que eu trabalhasse muito, gostava de sair e socializar. Tinha amigos do trabalho, amigos do colégio, amigos que fiz por meio

*image  
not  
available*

ainda assim, eu tinha visto a pesquisa. Para mim e para todas as pessoas sensatas que eu conhecia, fumar era uma autodestruição.

Barack sabia exatamente como eu me sentia. Nossa amizade foi construída com base em uma honestidade da qual, acho eu, nós dois gostávamos.

— Por que alguém tão inteligente como você faz algo tão idiota? — deixei escapar no dia em que nos conhecemos, vendo-o encerrar o almoço com um cigarro. Foi uma pergunta sincera.

Pelo que me lembro, ele apenas deu de ombros, reconhecendo que eu tinha razão. O tabagismo era o único tópico em que a lógica de Barack parecia abandoná-lo por completo.

Quer eu estivesse disposta a admitir ou não, porém, alguma coisa entre nós começou a mudar. Nos dias em que estávamos ocupados demais para nossas reuniões cara a cara, eu me pegava imaginando o que ele estaria fazendo. Tentava não ficar desapontada quando ele não entrava pela minha porta. E me policiava para não ficar empolgada demais quando ele aparecia. Eu tinha sentimentos por ele, mas estavam enterrados bem fundo sob minha decisão de manter o foco da minha vida e da minha carreira no futuro, sem qualquer drama. Eu estava no caminho certo para me tornar sócia na Sidley & Austin. Era tudo o que eu queria — ou pelo menos estava tentando me convencer disso.

Eu até podia estar ignorando o que vinha crescendo entre nós, fosse lá o que fosse, mas Barack não estava.

— Acho que a gente devia sair — anunciou Barack certa tarde, no fim de um almoço.

— O quê? Você e eu? — Fingi estar chocada com o fato de ele ter cogitado a possibilidade. — Eu já disse que não namoro. Além do



*image  
not  
available*

Barack, de sandálias, foi até a quadra para se juntar ao grupo. Ele se dava bem com todos no escritório, dos advogados mais velhos, pomposos e arrogantes aos secretários e jovens ambiciosos que agora estavam em quadra. *Ele é uma boa pessoa*, pensei, vendo-o passar a bola para outro advogado.

Como tinha assistido a dezenas de jogos no ensino médio e na faculdade, sabia reconhecer um bom jogador. Barack passou rapidamente no teste. Era atlético e se movia com rapidez e graça, mostrando uma força que eu não tinha notado até então. Eu não conseguia parar de olhar para ele.

Voltando de carro para a cidade no comecinho da noite, senti uma nova angústia. Era julho. Em agosto Barack partiria, desaparecendo na faculdade de direito e em qualquer outra coisa que a vida lhe reservasse. Brincávamos um com o outro, como sempre fazíamos, fofocando sobre quem tinha dito o que no churrasco, mas havia um anseio ali. Enquanto contornávamos a curva para o sul da Lake Shore Drive, eu discutia comigo mesma em silêncio. Dava para sair com ele sem que fosse sério? O quanto prejudicaria meu trabalho? Faria diferença se as pessoas descobrissem? Eu não tinha clareza de nada, mas de repente me ocorreu que estava cansada de esperar por clareza.

Ele morava em Hyde Park, num apartamento sublocado de um amigo. No momento em que chegamos ao bairro, havia uma tensão entre nós no ar. Parecia que algo finalmente estava prestes a acontecer. Ou era a minha imaginação? Talvez eu já tivesse rejeitado Barack muitas vezes. Talvez ele já tivesse desistido e agora só me visse como uma boa amiga — uma garota que dirigia um carro com ar-condicionado e que lhe daria carona quando ele precisasse.

*image  
not  
available*

vezes até bem depois de eu pegar no sono, esmiuçando obras de história, biografias e Toni Morrison também. Lia vários jornais todos os dias. Ficava de olho nas resenhas de livros, acompanhava a tabela de classificação da Liga Americana de Beisebol e se informava sobre o que os conselheiros municipais do South Side estavam fazendo. Era capaz de discorrer com a mesma paixão sobre as eleições da Polônia e sobre as últimas estreias no cinema.

Sem ar-condicionado, não tínhamos opção senão deixar as janelas abertas à noite, na tentativa de refrescar o apartamento abafado e sufocante. A rua era movimentada e barulhenta. Quase de hora em hora uma sirene da polícia passava fazendo um escândalo ou alguém começava a berrar, me fazendo acordar assustada. Eu achava perturbador, mas Barack não se abalava. Percebi que ele estava mais à vontade com a turbulência do mundo do que eu. Certa noite, despertei e topei com ele fitando o teto, seu perfil iluminado pelo clarão da luz que vinha de fora. Parecia um pouco incomodado, como se estivesse refletindo sobre algo profundamente pessoal. Era o nosso relacionamento? A perda do pai?

— Ei, no que você está pensando aí? — sussurrei.

Ele se virou para olhar para mim, seu sorriso um pouco encabulado.

— Ah — disse ele. — Só estava pensando na desigualdade de renda.

Aos poucos eu descobria que era assim que a mente de Barack funcionava. Ele ficava obcecado por questões grandiosas e abstratas. Tinha uma ideia maluca de que poderia fazer alguma coisa a respeito delas. Isso era novidade para mim. Até então, eu tinha convivido com pessoas boas que se preocupavam com coisas bastante importantes, mas cujo foco era construir a própria carreira e sustentar a família.

*image  
not  
available*

história. Sua vida familiar o deixara autoconfiante e otimista. O fato de ter percorrido com tanto êxito uma criação incomum parecia apenas reforçar a ideia de que ele estava pronto para enfrentar mais desafios.

Numa noite chuvosa, acompanhei Barack quando ele foi fazer um favor a um velho amigo. Um de seus ex-colegas organizadores comunitários havia lhe pedido que coordenasse um treinamento numa paróquia negra em Roseland, no Far South Side — área que havia sido prejudicada pelo fechamento das siderúrgicas. Para Barack, era um bem-vindo retorno de uma única noite ao seu antigo emprego e à região de Chicago onde ele havia trabalhado. Assim que entramos na igreja, me dei conta de que ainda estávamos vestidos com a roupa do escritório e que eu nunca havia refletido sobre o real trabalho de um organizador comunitário. Descemos uma escada até um porão de teto baixo com lâmpadas fluorescentes, onde uns quinze paroquianos — em sua maioria mulheres — estavam sentados em cadeiras dobráveis, abanando-se no calor. Sentei-me numa cadeira no fundo enquanto Barack andou até a frente da sala e cumprimentou os presentes.

A plateia deve ter enxergado Barack como um jovem com cara de advogado. Vi que todos o olhavam de cima a baixo, tentando descobrir se ele era apenas um forasteiro ou se tinha algo de valor a oferecer. Era uma atmosfera bastante familiar para mim. Cresci frequentando a oficina de música semanal da minha tia-avó Robbie numa igreja não muito diferente daquela. As mulheres ali reunidas não eram diferentes das senhoras que cantavam no coro de Robbie ou que apareceram com caçarolas de comida depois do enterro de Southside. Eram mulheres bem-intencionadas, com pensamento

*image  
not  
available*

Ao meu lado, a mulher com o bebê no colo quase explodiu.

— É isso aí! — urrou, finalmente convencida. — Amém!

*Amém*, pensei comigo mesma. Porque eu também estava convencida.

ANTES DE VOLTAR para a faculdade, em meados de agosto, Barack disse que me amava. O sentimento pegou nós dois de surpresa. Mesmo nos conhecendo havia alguns meses, mesmo sendo meio que impraticável, estávamos apaixonados.

Mas agora, com Barack voltando ao curso de direito, estaríamos a mais de 1400 quilômetros de distância. Ainda faltavam dois anos para Barack terminar Harvard, e ele disse que esperava fixar residência em Chicago depois. Não havia expectativa de eu deixar minha vida na cidade nesse meio-tempo. Como associada júnior relativamente nova no escritório, eu entendia que a fase seguinte da minha carreira era muito importante. Minhas realizações determinariam se eu seria promovida ou não. Como tinha passado pela faculdade de direito, eu sabia o quanto Barack estaria ocupado. Ele foi escolhido como editor da *Harvard Law Review*, periódico mensal dirigido por estudantes e considerado uma das principais publicações jurídicas do país. Era uma honra ser designado para a equipe editorial, mas também era como encarar um emprego de tempo integral concomitante à já pesada carga de um aluno de direito.

Em que pé isso nos deixava? Só nos restava o telefone. E isso foi em 1989, quando os telefones não estavam no nosso bolso. Mensagens de texto não eram possíveis; nenhum emoji poderia substituir um beijo. O telefone exigia tempo e disponibilidade. Os telefonemas aconteciam



*image  
not  
available*

movimentada, ele acrescentou: — Além disso, talvez seja melhor não olhar para baixo.

Eu já tinha visto o que ele queria evitar que eu visse: um rombo enferrujado de dez centímetros no assoalho, através do qual eu via o asfalto correndo. A vida com Barack nunca seria maçante. Eu já sabia disso na época. Seria como o carro: colorida e de me deixar de cabelo em pé. Também me ocorreu que muito possivelmente ele jamais ganharia dinheiro.

Perto do Natal daquele ano, embarcamos para Honolulu. Eu nunca tinha ido ao Havaí, mas estava certa de que gostaria de lá. Afinal, eu era de Chicago, onde o inverno se estendia até meados de abril. Para mim, fugir do inverno sempre parecera ótimo.

Durante a faculdade, Suzanne tinha me levado a praias de areia branca e fina como pó em Kingston, na Jamaica, onde pulávamos as ondas de uma água que parecia cor de jade. Ela me conduziu habilmente por um caótico mercado ao ar livre, tagarelando com vendedores ambulantes.

— Experimenta isto! — berrava ela, enquanto me entregava postas de peixe grelhado para saborear, inhame frito, talos de cana-de-açúcar e pedaços cortados de manga. Ela exigia que eu provasse de tudo, determinada a me fazer ver quanta coisa havia para amar.

Não era diferente de visitar Oahu com Barack. Ele já havia passado mais de uma década no continente, mas o Havaí ainda era profundamente importante para ele. Barack queria que eu absorvesse tudo, das palmeiras que margeavam as ruas de Honolulu e a faixa de areia em forma de meia-lua na praia de Waikiki até as colinas verdes ao redor da cidade. Ficamos num apartamento emprestado por amigos da família dele, e todo dia íamos à praia nadar e ficar à toa ao

*image  
not  
available*

Quando eu me entediava, ligava para velhos amigos. Mesmo namorando sério, eram minhas amigas que me mantinham firme e estável. Santita Jackson estava viajando pelo país como cantora, mas conversávamos sempre que podíamos. Cerca de um ano antes eu estava sentada com meus pais na sala da casa deles, explodindo de orgulho enquanto assistíamos a Santita e seus irmãos apresentarem o pai na Convenção Nacional do Partido Democrata de 1988. O reverendo Jackson tivera um desempenho respeitável na disputa pela presidência, vencendo mais de dez primárias, as votações prévias que decidem os candidatos de cada partido (Democrata e Republicano) que concorrerão à presidência. Ao longo do caminho, encheu lares como o nosso com uma nova e profunda dose de esperança e entusiasmo, mesmo que, no fundo do coração, entendêssemos que a vitória dele era bastante improvável.

Eu falava com frequência com Verna Williams, uma amiga íntima da faculdade de direito. Ela estivera com Barack algumas vezes e gostava muito dele, mas me provocava dizendo que eu tinha rebaixado meus padrões insanamente altos, para permitir um fumante na minha vida. Angela Kennedy e eu ainda dávamos muitas risadas juntas, apesar de ela estar trabalhando como professora em Nova Jersey ao mesmo tempo que cuidava de um filho pequeno e tentava segurar as pontas enquanto seu casamento se desfazia lentamente. Nos conhecemos quando éramos universitárias bobas e meio imaturas, e agora éramos adultas, com vidas adultas e preocupações adultas. Essa ideia por si só às vezes nos parecia hilária.

Suzanne era o mesmo espírito livre dos tempos em que fomos colegas de quarto em Princeton — entrando e saindo da minha vida e medindo o valor de seus dias apenas pelo prazer que sentia.

Passávamos longos períodos sem trocar uma palavra, mas retomávamos a amizade sem dificuldade alguma. Nossos mundos continuavam tão diferentes quanto na faculdade. Mesmo assim, Suzanne era como uma irmã cuja vida eu só podia acompanhar de longe, do outro lado do abismo de nossas óbvias diferenças. Ela era enlouquecedora, encantadora e sempre importante para mim. Pedia meus conselhos e depois fazia questão de ignorá-los. Seria ruim namorar um popstar quase famoso e mulherengo? Ora, sim, seria, mas ela faria isso de qualquer maneira, afinal, *por que não?* O mais irritante foi quando, depois de formada, ela recusou a oportunidade de ir para uma faculdade de administração prestigiada por concluir que seria muito trabalhoso, portanto pouco divertido. Em vez disso, obtive um MBA em um programa de pós-graduação não tão estressante numa faculdade estadual, o que, para mim, era uma atitude preguiçosa.

As escolhas de Suzanne às vezes pareciam o oposto do meu jeito de fazer as coisas, um voto a favor da facilidade e da lei do menor esforço. Hoje posso dizer que a julguei de forma injusta por suas decisões, mas na época eu simplesmente achava que tinha razão.

Pouco depois de começar a namorar Barack, liguei para Suzanne e jorrei meus sentimentos por ele. Ela ficou muito empolgada ao me ouvir falar tão esfuziante e feliz. Ela também tinha novidades: estava abandonando o emprego como especialista em computação para viajar — não por semanas, mas por meses. Suzanne e a mãe estavam prestes a embarcar numa aventura estilo volta ao mundo. Afinal, *por que não?*

Eu não seria capaz de imaginar se Suzanne sabia inconscientemente que algo estranho estava acontecendo nas células de seu corpo, que

um sequestro silencioso estava em andamento. O que eu sabia era que, durante o outono de 1989, enquanto eu passava o dia sentada usando sapatos de salto de couro e participava de longas e enfadonhas reuniões no escritório, Suzanne e sua mãe estavam tentando não respingar curry em seus vestidos de alcinha no Camboja e dançavam madrugada adentro nas majestosas passarelas do Taj Mahal. Enquanto eu fazia as contas do talão de cheques, pegava a roupa na lavanderia e observava as folhas murcharem e caírem das árvores ao longo da Euclid Avenue, imaginava Suzanne passeando pelas ruas quentes e úmidas de Bangcoc, muito feliz. Porém, não fazia ideia de como estava sua viagem ou que lugares ela realmente visitou, porque não manteve contato. Estava ocupada demais vivendo, empanturrando-se do que o mundo tinha a lhe oferecer.

Quando voltou para casa, em Maryland, e encontrou um momento para entrar em contato comigo, as notícias eram diferentes — tão chocantes que mal consegui entender.

— Estou com câncer — disse-me Suzanne, a voz rouca de emoção.  
— Um dos grandes.

Os médicos haviam acabado de dar o diagnóstico. Ela descreveu um plano de tratamento, mas eu estava tão atordoada que não prestei atenção nos detalhes. Antes de desligar, ela me contou que, numa cruel ironia do destino, sua mãe também adoecera gravemente.

Não sei se um dia já acreditei que a vida era justa, mas sempre achei que, com esforço, seria possível escapar de praticamente qualquer problema. O câncer de Suzanne foi a primeira vez que esse meu modo de ver o mundo foi realmente posto em xeque. Porque, mesmo que ainda não soubesse de todos os detalhes, eu tinha ideias sobre meu

futuro. Vinha seguindo um plano desde o primeiro ano de faculdade, uma lista de itens que deveria cumprir.

Para mim e para Suzanne, deveria ser assim: seríamos madrinhas de casamento uma da outra. Nossos maridos seriam totalmente diferentes entre si, é claro, mas gostariam muito um do outro. Teríamos filhos ao mesmo tempo, viajaríamos em família para as praias da Jamaica e seríamos as tias divertidas e favoritas das crianças. Eu daria livros infantis de presente de aniversário para os filhos dela; ela presentearia os meus com pula-pulas. Daríamos risadas, compartilharíamos segredos e reviraríamos os olhos para os hábitos ridículos uma da outra, até que um dia perceberíamos que éramos duas idosas que tinham sido eternas melhores amigas, de repente surpresas ao perceber como o tempo tinha voado.

Para mim, era assim que o mundo deveria ser.

QUANDO OLHO PARA TRÁS, acho extraordinário como simplesmente continuei fazendo meu trabalho. Eu era advogada, e advogados trabalhavam. Trabalhávamos o tempo todo. Não há escolha, dizia a mim mesma. O trabalho é importante, dizia a mim mesma. E assim continuei, chegando na hora no escritório todas as manhãs.

Em Maryland, Suzanne estava vivendo com sua doença. Lidava com consultas médicas e cirurgias e, ao mesmo tempo, tentava cuidar da mãe, que também lutava contra um câncer que não tinha relação alguma com o de Suzanne. Era azar, infortúnio, bizarro a ponto de ser assustador demais para imaginar. O restante da família de Suzanne não era muito unido, exceto por duas de suas primas favoritas que a ajudavam o máximo que podiam. Às vezes nossa amiga Angela ia de carro de Nova Jersey para visitá-la, mas fazia malabarismos para dar

conta do emprego e de uma criança pequena. Recrutei Verna, minha amiga da faculdade de direito, para passar por lá quando pudesse, já que eu não podia fazer aquilo, por causa do trabalho. Verna havia conhecido Suzanne quando estudávamos em Harvard e, por coincidência, morava num prédio próximo.

Era pedir demais a Verna. Ela tinha perdido o pai recentemente e estava lidando com seu próprio luto. Mas ela era uma amiga verdadeira, uma pessoa compassiva. Certo dia, no mês de maio, ela telefonou para meu escritório e me informou os detalhes de uma visita.

— Eu penteei o cabelo dela — contou Verna.

O fato de Suzanne precisar que alguém a penteasse era suficiente para eu entender tudo, mas eu havia erguido um muro para me distanciar da verdade. Parte de mim insistia em achar que aquilo não estava acontecendo. Agarrava-me à ideia de que Suzanne ia melhorar.

Por fim, foi Angela quem me ligou em junho. Foi direto ao ponto:

— Se você vai vir, Miche, é melhor vir logo.

A essa altura, Suzanne havia sido transferida para um hospital. Estava fraca demais para falar, e percebi que o fim estava próximo. Desliguei o telefone e comprei uma passagem de avião. Quando cheguei ao hospital, encontrei Suzanne ali, deitada na cama, Angela e a prima de vigília a seu lado, todas em silêncio. A mãe de Suzanne morrera poucos dias antes, e Suzanne estava em coma. Angela abriu espaço para eu me sentar junto à cama.

Olhei fixo para Suzanne, para seu rosto perfeito em formato de coração e sua pele morena-avermelhada. Ela parecia estranhamente intocada pela doença. Seu cabelo escuro ainda era lustroso e comprido; alguém havia feito duas tranças que chegavam quase até a



cintura. Suas pernas de corredora estavam escondidas sob os cobertores. Seu semblante era jovem, ela parecia uma doce e bela mulher de 26 anos que talvez estivesse no meio de um cochilo.

Eu me arrependi de não ter ido antes. Lamentei as muitas vezes, no decorrer dos anos de nossa longa amizade, em que tinha insistido em pensar que ela estava tomando a decisão errada, quando possivelmente estava fazendo a coisa certa. De repente, fiquei feliz por todas as vezes que ela ignorou meus conselhos. Fiquei contente por ela não ter se sobrecarregado para obter um diploma de administração numa faculdade prestigiada. Por ter resolvido passar um fim de semana com um popstar quase famoso, só por diversão. Fiquei feliz por ela ter ido ao Taj Mahal com a mãe para ver o nascer do sol. Suzanne havia vivido de maneiras que eu não tinha vivido.

Naquele dia, segurei sua mão mole e observei sua respiração ficando entrecortada e intermitente. Com um meneio, a enfermeira nos deu a entender que sabia o que estava acontecendo. Suzanne estava indo embora. Minha mente obscureceu. Não tive nenhum pensamento profundo. Não tive revelações sobre a vida ou a perda. Se havia algo dentro de mim, era raiva.

Dizer que era injusto Suzanne adoecer e morrer aos 26 anos parece muito simplista. Mas era um fato, mais frio e feio impossível. O que eu pensei quando por fim deixei seu corpo naquele quarto de hospital foi: *Ela se foi e eu ainda estou aqui*. Lá fora, pessoas zanzavam pelo corredor de camisola hospitalar, muito mais velhas e mais doentes do que Suzanne, porém ainda estavam ali. Eu embarcaria em um avião lotado de volta a Chicago, dirigiria por uma estrada movimentada, entraria em um elevador até meu escritório. Veria todas aquelas pessoas aparentemente felizes em seus carros, andando pela calçada

com suas roupas leves de verão, relaxando nas cafeterias e trabalhando em suas mesas, todas alheias ao que havia acontecido com Suzanne — provavelmente sem saber que elas também podiam morrer a qualquer momento. Não parecia certo, mas o mundo simplesmente seguia em frente. Todo mundo continuava ali, exceto minha Suzanne.

# 10

NO MEIO DAQUELE ANO, COMECEI A ESCREVER UM DIÁRIO. Comprei um caderno preto encapado por um tecido estampado de flores e o mantinha ao lado da cama. Eu o carregava nas viagens a negócios. Não escrevia todos os dias, nem mesmo toda semana: só pegava na caneta quando tinha tempo e energia para revirar meus sentimentos confusos. Preenchia algumas páginas numa única semana e depois deixava o diário de lado por um mês, às vezes mais. O exercício de registrar os pensamentos era novo para mim — um hábito que eu tinha aprendido, em parte, com Barack, que vinha mantendo diários de forma intermitente ao longo dos anos.

Ele havia voltado para Chicago durante as férias de meio de ano em Harvard e se instalado no meu apartamento na Euclid Avenue. Isso significava que Barack agora conhecia minha família. Enquanto meu pai se aprontava para mais um turno de trabalho na estação de tratamento de água, eles conversavam sobre esportes. Às vezes, Barack ajudava minha mãe a carregar as compras da garagem para dentro de casa. Era uma sensação boa. Craig já havia testado a personalidade de Barack colocando-o para jogar uma partida de basquete no fim de semana com uma turma de amigos. Na verdade, ele fez isso a meu pedido. A opinião de Craig sobre Barack era importante para mim.

Meu irmão sabia ler as pessoas, especialmente a partir de como jogavam. Barack havia passado no teste. Era tranquilo em quadra, disse meu irmão, e sabia a hora de fazer os passes certos, mas também não tinha medo de arremessar quando livre.

— Ele não é um fominha exibido — sentenciou Craig. — Mas tem coragem.

Barack tinha aceitado um emprego temporário numa firma de advocacia no centro de Chicago. O escritório ficava perto do meu, mas sua temporada na cidade foi curta. Ele fora eleito presidente da *Harvard Law Review* para o ano letivo seguinte e precisaria voltar a Harvard mais cedo para começar os trabalhos. Todo ano a competição para comandar o periódico era feroz. Ser escolhido para a posição era uma conquista enorme para qualquer um. Barack foi o primeiro afro-americano a ser selecionado nos 103 anos de história da publicação — um marco tão significativo que apareceu no *New York Times*, acompanhado pela foto de um sorridente Barack usando um casaco de inverno e cachecol.

Meu namorado era realmente incrível. Poderia ter escolhido qualquer emprego com salário alto em várias firmas de advocacia, mas em vez disso estava pensando em atuar na área de direitos civis assim que conseguisse o diploma, ainda que isso demandasse o dobro do tempo para pagar seus empréstimos estudantis. Todo mundo que ele conhecia o instigava a seguir o exemplo de editores anteriores da *Harvard Law Review* e se candidatar a um cargo de escrevente na Suprema Corte. Mas Barack não estava interessado. Ele queria morar em Chicago. Tinha ideias para escrever um livro sobre a questão racial nos Estados Unidos e planejava encontrar um emprego ligado a seus

valores. Provavelmente não terminaria no direito corporativo. Ele se norteava por uma convicção que eu achava surpreendente.

Toda essa confiança era admirável, mas, honestamente, tente viver com ela. O forte senso de propósito de Barack era algo a que eu tinha que me ajustar. Diante de sua certeza de que seria capaz de fazer a diferença no mundo, eu não podia deixar de me sentir um pouco perdida. O senso de propósito de Barack parecia desafiar o meu.

Foi sobre isso que comecei a escrever no diário. Já na primeira página, com uma caligrafia meticulosa, expliquei minhas razões para iniciá-lo:

*Um, eu me sinto muito confusa sobre o destino que eu quero para a minha vida. Que tipo de pessoa eu quero ser? Como quero contribuir para o mundo?*

*Dois, meu relacionamento com Barack está ficando sério e sinto que preciso me controlar melhor.*

Esse caderninho de capa florida sobreviveu a algumas décadas e mudanças de endereço. Durante oito anos ficou numa prateleira no meu quarto de vestir na Casa Branca, até que bem recentemente eu o tirei de uma caixa na minha nova casa para tentar me lembrar de quem eu tinha sido quando era uma jovem advogada. Hoje leio essas linhas e sei exatamente o que estava tentando dizer a mim mesma — o que poderia ter ouvido de uma mentora firme e sem papas na língua. Para falar a verdade, era simples: a primeira coisa era que eu odiava ser advogada. Eu não condizia com o trabalho. Sentia-me vazia fazendo aquilo, mesmo que fosse muito boa. Isso era angustiante de admitir, dado o afinco com que eu havia trabalhado e o quanto estava endividada. Em meio à minha necessidade de alcançar a excelência e

fazer as coisas com perfeição, não prestei atenção nas placas de sinalização e segui pelo caminho errado.

A segunda era que eu estava profundamente apaixonada por um homem dono de uma inteligência e de uma ambição tão poderosas que poderiam acabar engolindo as minhas. Eu já podia antever, como se fosse uma onda pronta para me derrubar. Eu não ia sair do caminho — estava muito envolvida com Barack, apaixonada demais —, mas precisava rapidamente me ancorar firme, fincar os pés no chão.

Isso significava encontrar uma nova profissão, e o que mais me abalava era não ter ideias específicas do que queria fazer. De alguma forma, durante todos os meus anos de estudo eu não havia conseguido refletir mais a fundo sobre minhas próprias paixões e como elas poderiam ser compatíveis com um trabalho que eu considerasse significativo. Na juventude, eu não tinha experimentado absolutamente nada. Barack, por outro lado, havia experimentado empregos diferentes e conhecido todo tipo de gente, e fora descobrindo suas prioridades ao longo do caminho. Tais experiências o fizeram amadurecer. Eu, por outro lado, tinha tanto medo de me perder, buscava com tanta avidez ser respeitada e conseguir uma maneira de pagar as contas, que marchei irrefletidamente para a carreira do direito.

Em um ano, eu tinha ganhado Barack e perdido Suzanne, e o impacto dessas duas mudanças juntas me deixou desnorreada. A morte repentina de Suzanne me fez acordar para a ideia de que eu queria mais alegria e sentido na minha vida. Ao mesmo tempo, dava crédito e atribuía culpa a Barack pela minha confusão. “Será que, se não houvesse um homem na minha vida constantemente me

questionando sobre o que me impulsiona e o que me aflige, eu estaria fazendo isso por conta própria?”, escrevi em meu diário.

Pensei no que poderia fazer, nos meus talentos e minhas habilidades. Eu tinha condições de ser professora? Uma administradora da faculdade? Quem sabe coordenar um programa de reforço escolar e atividades extracurriculares para crianças? Eu estava interessada em trabalhar para uma fundação ou uma organização sem fins lucrativos. Meu interesse era ajudar crianças desfavorecidas. Eu me perguntava se poderia encontrar um emprego que me satisfizesse e me proporcionasse tempo suficiente para fazer trabalho voluntário, apreciar obras de arte ou ter filhos. Queria me sentir inteira. Fiz uma lista de temas que me interessavam: educação, gravidez na adolescência, autoestima negra. Eu sabia que um trabalho mais significativo envolveria uma redução salarial. A lista que fiz em seguida foi mais séria: a das despesas essenciais — o que restava depois de eu abrir mão dos luxos a que me permitia com o salário de advogada, como frequentar uma academia de ginástica. Todo mês eu pagava uma parcela cara do financiamento estudantil e a prestação do carro, além de gastar com comida, gasolina e seguro. Se saísse da casa dos meus pais um dia, também precisaria do dinheiro do aluguel.

Nada era impossível, mas nada parecia simples. Comecei a perguntar a todo mundo sobre oportunidades no ramo do direito do entretenimento, pensando, talvez, que isso pudesse ser interessante e que também me pouparia da perda de um bom salário. Mas, no meu coração, sentia uma certeza cada vez maior: eu não era talhada para a prática do direito. Certo dia, tomei nota de um artigo de jornal sobre quantos advogados se sentiam cansados, estressados e infelizes —

principalmente as mulheres. “Que deprimente”, escrevi em meu diário.

PASSEI BOA PARTE daquele mês de agosto trabalhando em uma sala de conferências alugada em um hotel em Washington, DC, despachada para a capital americana a fim de ajudar na preparação de um caso. Muito embora eu estivesse tão cansada que não consegui ver muito da cidade, a mudança de ambiente e de rotina me distraiu das questões maiores que começavam a fervilhar na minha mente.

Sabendo que estava prestes a retornar para a minha rotina e para a névoa da minha confusão, na noite em que peguei o voo de volta para Chicago senti um pesado pavor se assentar sobre mim.

Minha mãe fez a gentileza de me esperar no aeroporto O’Hare. Só de vê-la me senti reconfortada. Ela estava com cinquenta e poucos anos, trabalhava em tempo integral como assistente executiva em um banco do centro da cidade, cheio de homens que haviam entrado no ramo porque seus pais tinham sido banqueiros. Minha mãe era uma força da natureza. Tinha pouca tolerância para os tolos. Usava o cabelo curto e roupas práticas, sem frescura. Era competente e calma. Assim como tinha feito com Craig e comigo quando éramos crianças, ela não se envolvia em nossa vida particular de adultos. Demonstrava seu amor estando sempre presente quando precisávamos. Ela era de buscar a gente no aeroporto. De levar a gente para casa e oferecer comida se a gente estivesse com fome. Seu temperamento sereno era como um abrigo para mim, um lugar onde me sentia segura.

No carro, dirigindo rumo ao sul em direção à cidade, deixei escapar um longo suspiro.

— Você está bem? — perguntou minha mãe.



Olhei para ela.

— Não sei — comecei. — É que...

Desabafei. Contei que não estava feliz com meu trabalho nem com a profissão que tinha escolhido — que estava extremamente *infeliz*. Contei que estava desesperada para fazer uma grande mudança, mas com medo de não ganhar dinheiro suficiente se a levasse adiante. Minhas emoções estavam à flor da pele. Soltei outro suspiro.

— Simplesmente não estou satisfeita — concluí.

Agora compreendo como isso deve ter soado aos ouvidos da minha mãe, que estava no nono ano de um emprego que tinha assumido fundamentalmente para poder ajudar a pagar minha educação universitária. Isso depois de anos *sem ter* um emprego para ter tempo de costurar minhas roupas de escola, cozinhar minhas refeições e lavar as roupas do meu pai — que, pela família, passava oito horas por dia inspecionando medidores em uma caldeira na estação de tratamento de água. Minha mãe — que tinha acabado de dirigir por uma hora para me buscar no aeroporto, me deixava morar de graça no andar de cima de sua casa e no dia seguinte teria que se levantar de madrugada para ajudar meu pai deficiente a se preparar para o trabalho — não estava nem um pouco disposta a sentir pena porque eu precisava dar um significado à minha vida.

Tenho certeza de que, para ela, satisfação era coisa de gente rica. Duvido que meus pais, em seus trinta anos juntos, tenham discutido isso uma única vez.

Minha mãe não me julgou. Não era de dar sermão ou chamar a atenção para seus próprios sacrifícios. Sem fazer alarde, ela havia apoiado todas as minhas escolhas e decisões. Dessa vez, porém, olhou

torto para mim, ligou a seta para sair da rodovia e entrar no nosso bairro e deu uma risadinha.

— Se quer saber minha opinião, primeiro ganhe dinheiro e depois se preocupe com a sua felicidade — disse ela.

PASSEI OS SEIS MESES SEGUINTEs tentando me sentir melhor quanto ao trabalho sem fazer qualquer tipo de mudança repentina. Eu me reuni com o sócio do escritório encarregado do meu setor e pedi tarefas mais desafiadoras. Tentei me concentrar nos projetos que considerava mais importantes, incluindo meus esforços para recrutar um grupo mais diversificado de novos temporários. Ao mesmo tempo, ficava de olho nos anúncios de emprego e fazia o melhor possível para conhecer mais pessoas que não fossem advogadas. De um jeito ou de outro, imaginei que com meu empenho eu conseguiria me sentir inteira.

Em casa, na Euclid Avenue, me senti impotente diante de uma nova realidade. Os pés do meu pai começaram a inchar sem motivo aparente. Sua pele parecia estranha, mas, sempre que eu perguntava como estava se sentindo, ele me dava a mesma resposta que vinha me dando havia anos.

— Estou bem — respondia, como se eu sempre perguntasse à toa. E depois mudava de assunto.

Era inverno novamente em Chicago. Eu acordava todas as manhãs ao som dos vizinhos tirando gelo dos para-brisas dos carros na rua. O vento soprava e a neve se amontoava. O sol era fraco. Pela janela do meu escritório, no 47<sup>o</sup> andar, avistava uma imensidão de gelo no lago Michigan sob um céu cinza. Usava roupas de lã e ficava à espera do degelo. No Meio-Oeste, o inverno é um exercício de espera — por

alívio, pelo canto de um pássaro, pelas primeiras flores rompendo a neve. Nesse meio-tempo, ninguém tem outra escolha a não ser se animar para enfrentar o frio.

Meu pai não perdia o bom humor. Vez ou outra Craig aparecia para jantares em família, e nos sentávamos ao redor da mesa e ríamos como sempre, mas agora tínhamos a companhia de Janis, esposa de Craig. Janis era uma mulher feliz e muito trabalhadora, uma esforçada analista de telecomunicações numa empresa no centro da cidade que, como todo mundo, adorava meu pai. Craig, por sua vez, era o exemplo perfeito do sucesso profissional. Estava fazendo MBA e ocupava o cargo de vice-presidente em um banco; ele e Janis haviam comprado uma bela casa em Hyde Park. Ele usava ternos sob medida e chegara para o jantar dirigindo seu carro esportivo vermelho. À época eu não sabia, mas nada disso o fazia feliz. Assim como eu, ele vinha passando pelo início de uma crise, e ao longo dos anos seguintes se questionaria se seu trabalho era significativo e recompensador de verdade. Sabendo o quanto nosso pai se empolgava com o que os filhos tinham conseguido conquistar, nenhum de nós mencionou sua infelicidade durante o jantar.

Na hora de ir embora, Craig sempre dava a meu pai um último olhar preocupado e fazia a habitual pergunta sobre sua saúde, mas sempre recebia a alegre e evasiva resposta de sempre:

— Estou bem.

Aceitávamos isso porque era estabilizante, e gostávamos de estabilidade. Meu pai convivia com a esclerose múltipla havia anos e sempre ficou bem. Queríamos acreditar nele, embora vissemos que estava piorando. Ele estava bem, dizíamos um para o outro, porque ainda se levantava e ia trabalhar todos os dias. Estava bem porque o

vimos comer um segundo pedaço de bolo de carne naquela noite. Estava bem, especialmente se você não prestasse muita atenção nos pés dele.

Tive várias conversas tensas com minha mãe, querendo saber por que meu pai não procurava um médico. Mas, assim como eu, ela havia praticamente desistido depois de insistir tantas vezes e ter sido rechaçada. Para meu pai, médicos nunca traziam boas notícias, portanto deveriam ser evitados. Por mais que adorasse falar, ele não queria falar sobre seus problemas. Queria sobreviver à sua própria maneira. Sua solução para os pés inchados era pedir à minha mãe que comprasse um par de botas de trabalho maiores.

O impasse sobre a visita a um médico atravessou janeiro e entrou em fevereiro daquele ano. Meu pai caminhava com uma lentidão dolorosa, usando um andador de alumínio para se locomover pela casa, fazendo inúmeras pausas para recobrar o fôlego. De manhã, agora levava mais tempo para ir da cama até o banheiro, do banheiro para a cozinha e, finalmente, sair pelos fundos e descer os três lances de escada da garagem para entrar no carro e dirigir ao trabalho. Apesar do que vinha acontecendo em casa, ele insistia em dizer que tudo estava bem na usina de filtragem. Meu pai pilotava uma scooter motorizada para ir de caldeira em caldeira e se orgulhava de ser necessário no emprego. Em 26 anos, jamais perdera um único turno de trabalho. Dizia que, se uma das caldeiras superaquecesse, ele seria um dos poucos funcionários com experiência para evitar um desastre rapidamente. Ele era otimista e pouco tempo antes se candidatara para uma promoção.

Embora meu pai nos dissesse que estava bem, minha mãe e eu víamos que não estava. Em casa à noite, ele passava a maior parte do

tempo sentado na poltrona assistindo a jogos de basquete e hóquei na TV. Parecia fraco e exausto. Além dos pés, notamos que agora um inchaço parecia se formar em seu pescoço, o que deu à sua voz um tom estranhamente metálico.

Por fim, decidimos fazer alguma coisa. Craig nunca foi de bancar o durão, e minha mãe manteve sua decisão de não discutir a saúde do meu pai. Nesse tipo de conversa, o papel de falar as coisas duras e difíceis quase sempre cabia a mim. Eu disse ao meu pai que ele devia procurar ajuda e que eu ia ligar para o médico dele na manhã seguinte. Ele devia isso a nós. Ele prometeu que iria se eu marcasse a consulta. Pedi que dormisse até mais tarde na manhã seguinte, para dar um descanso ao corpo.

Naquela noite, minha mãe e eu fomos dormir com uma sensação de alívio, por finalmente termos ganhado algum controle.

MEU PAI, NO ENTANTO, achava que descansar era uma forma de entregar os pontos. De manhã, quando desci, ele estava sentado à mesa da cozinha com seu andador estacionado ao lado. Estava vestido com seu uniforme azul-marinho da prefeitura. Esforçava-se para calçar os sapatos. Estava indo para o trabalho.

— Pai, achei que o senhor fosse descansar. Vamos marcar aquela consulta com o médico...

Ele deu de ombros.

— Eu sei, querida — disse, a voz rouca e grave por causa daquela coisa nova e estranha no pescoço. — Mas agora estou bem.

Sua teimosia estava soterrada sob tantas camadas de orgulho que eu não conseguia ficar com raiva. Era impossível dissuadi-lo. Meus pais haviam nos criado para cuidarmos da própria vida, o que significava

que eu tinha que confiar que meu pai cuidaria da dele, mesmo que mal conseguisse calçar os sapatos. Então o deixei lidar com a situação. Engoli minhas preocupações, dei um beijo no meu pai e subi de volta para me preparar para o meu dia de trabalho. Pensei em ligar para minha mãe mais tarde, no escritório dela, e avisar que precisaríamos bolar um plano para forçar o homem a tirar uma folga.

Ouvi a porta dos fundos se fechar. Minutos depois, voltei para a cozinha e a encontrei vazia. O andador do meu pai estava encostado junto à porta dos fundos. Fui até lá e espiei pelo pequeno olho mágico da porta, só para confirmar que a perua já não estava mais lá.

Mas estava, e meu pai também. De boné e casaco de inverno, ele estava de costas para mim. Tinha conseguido descer apenas metade dos degraus antes de precisar se sentar. Pude ver sua exaustão, o abatimento na cabeça caída de lado e no peso que fazia, quase desmoronando, para descansar encostado no corrimão de madeira. Ele não estava tendo uma crise, apenas parecia cansado demais para continuar. Ficou claro que estava tentando reunir forças para voltar para dentro de casa.

Percebi que estava vendo meu pai em um momento de pura derrota.

Como deve ter sido solitário viver vinte e poucos anos com uma doença como aquela, seguir em frente sem se queixar enquanto seu corpo é consumido em ritmo lento. Penalizada vendo meu pai curvado na varanda, sofri com uma compaixão dolorosa que nunca havia sentido. Meu instinto era correr lá fora e ajudá-lo a voltar para a casa aquecida, mas resisti, sabendo que seria apenas mais um golpe em sua dignidade. Respirei e me afastei da porta.

Eu o veria quando ele voltasse para dentro, pensei. Eu o ajudaria a tirar as botas de trabalho, pegaria um pouco de água para ele e o levaria até sua poltrona, com o silencioso reconhecimento entre nós de que agora, sem dúvida, ele precisaria aceitar ajuda.

Sentei-me com ouvidos atentos ao som da porta dos fundos. Esperei por cinco minutos, depois mais cinco minutos, até que finalmente voltei ao olho mágico para ter certeza de que ele tinha conseguido ficar de pé. Mas a varanda estava vazia. De alguma forma, meu pai, desafiando todos os inchaços e as coisas erradas em seu corpo, tinha usado sua força de vontade e dado um jeito de descer as escadas e atravessar a gelada passagem até a perua, que a essa altura já devia estar a meio caminho da usina de filtragem. Ele não ia entregar os pontos.

NESSE MEIO-TEMPO, já fazia meses que Barack e eu vínhamos falando em casamento. Estávamos juntos havia um ano e meio e, ao que tudo indicava, continuávamos totalmente apaixonados. Ele estava no último semestre em Harvard, ocupado com seu trabalho na *Harvard Law Review*, mas logo voltaria a Chicago para prestar o exame da Ordem dos Advogados de Illinois e procurar emprego. O plano era que ele se instalaria de novo na Euclid Avenue, dessa vez de maneira mais permanente. Para mim, era outra razão para desejar o fim do inverno o quanto antes.

Conversávamos sobre como enxergávamos o casamento, e às vezes me preocupava o quanto esses pontos de vista pareciam divergir. Para mim, casar era um fato consolidado, algo que cresci esperando fazer um dia — da mesma forma que ter filhos sempre foi um fato consolidado para mim, remontando à atenção desmedida que dava às

minhas bonecas quando menina. Barack não se opunha a se casar, mas não tinha pressa. Para ele, nosso amor já significava tudo. Era um alicerce forte o suficiente para uma vida plena e feliz juntos — com ou sem alianças.

Ambos éramos produtos da nossa criação. A mãe de Barack se casara e se divorciara duas vezes, mas conseguira manter sua vida, sua carreira e seus filhos pequenos intactos. Meus pais tinham continuado juntos, tomando cada decisão e fazendo cada esforço de maneira conjunta. Em trinta anos, raramente tinham passado uma noite separados.

Barack via o casamento como duas pessoas unidas pelo amor, mas com sonhos, ambições e uma vida independentes. Eu via o casamento como a união completa de duas pessoas, em que o bem-estar da família estava acima de qualquer interesse ou objetivo individual. Eu não queria exatamente uma vida como a dos meus pais. Não queria morar na mesma casa para sempre ou trabalhar no mesmo emprego. Mas queria a estabilidade que eles tinham.

Pensei que chegaríamos a um consenso sobre nossos sentimentos quando Barack voltasse para Chicago, quando o tempo esquentasse. Eu precisaria apenas esperar, embora a espera fosse difícil. Eu ansiava por permanência. Do meu apartamento, ouvia meus pais conversando no andar de baixo, minha mãe rindo de alguma história que meu pai contava. Eu os ouvia desligar a TV e se preparar para dormir. Eu tinha 27 anos, e havia dias em que tudo o que eu queria era me sentir completa. Queria agarrar todas as coisas que amava e, impiedosamente, fincá-las com estacas no chão. Àquela altura, eu já sabia o suficiente sobre perda para perceber que havia mais por vir.



EU TINHA MARCADO a consulta para o meu pai, mas foi minha mãe quem o levou ao médico — de ambulância, no fim das contas. Os pés dele tinham inchado tanto e estavam tão sensíveis que ele finalmente admitiu que andar era como pisar em agulhas. Quando chegou a hora de ir, meu pai mal conseguia ficar de pé. Eu estava no trabalho naquele dia, mas minha mãe me descreveu depois — meu pai sendo carregado para fora de casa por socorristas, tentando fazer piada com eles no caminho.

Meu pai foi levado para o hospital da Universidade de Chicago. Conforme os dias passavam, ele continuou a inchar. O rosto inchou, o pescoço ficou mais grosso, a voz enfraqueceu. O diagnóstico oficial foi síndrome de Cushing, talvez relacionada à esclerose múltipla. De qualquer forma, seu estado não era bom. O sistema endócrino do meu pai estava totalmente descontrolado. Um exame detalhado mostrou que o inchaço na garganta era de um tumor que havia crescido tanto que praticamente o sufocava.

— Não sei como não percebi — disse meu pai ao médico, e parecia genuinamente surpreso, como se não tivesse sentido um único sintoma que pudesse descambar àquele ponto, como se não tivesse passado semanas, meses ou até anos ignorando a dor.

Nós nos revezávamos no hospital para ficar com meu pai — minha mãe, Craig, Janis e eu. Entrávamos e saíamos do quarto à medida que os médicos o fustigavam com remédios, enquanto tubos eram conectados e máquinas eram ligadas. Tentávamos entender o que os especialistas nos diziam, mas nada fazia muito sentido. Rearrumávamos os travesseiros do meu pai e conversávamos à toa sobre basquete universitário e sobre o tempo lá fora, sabendo que ele estava ouvindo, embora falar o deixasse exausto. Éramos uma família

de planejadores, mas agora tudo parecia imprevisto. Lentamente, meu pai estava afundando para longe de nós. Nós o chamávamos de volta com antigas lembranças e víamos como elas colocavam um pouco de brilho em seus olhos. Lembra do “Dois e Vinte e Cinco” e de como a gente se sentava naquele banco traseiro gigantesco no verão e ia até o cinema drive-in? Lembra das luvas de boxe que o senhor deu para a gente e da piscina do Dukes Happy Holiday Resort? E de como o senhor construía os adereços para a oficina de música da Robbie? E dos jantares na casa do Dandy? Lembra de quando a mamãe fez camarão frito na véspera de Ano-Novo?

Certa noite, passei no hospital e encontrei meu pai sozinho. Minha mãe tinha ido dormir em casa. O quarto estava em silêncio. O andar inteiro do hospital estava em silêncio. Era a primeira semana de março, a neve do inverno acabara de derreter, deixando a cidade úmida. Meu pai já estava no hospital havia cerca de dez dias. Tinha 55 anos, mas parecia mais velho, com olhos amarelados e braços tão pesados que não conseguia mexê-los. Estava acordado, mas não conseguia falar — nunca vou saber se devido ao inchaço ou à emoção.

Sentei-me em uma cadeira ao lado de sua cama e o observei lutando para respirar. Quando segurei sua mão, ele deu um aperto reconfortante. Nós nos entreolhamos silenciosamente. Havia muito a dizer e, ao mesmo tempo, parecia que tínhamos dito tudo. Restava apenas uma verdade. Estávamos chegando ao fim. Ele não se recuperaria. Deixaria de estar presente por todo o resto da minha vida. Eu estava perdendo sua firmeza, seu conforto, sua alegria cotidiana. Senti as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Mantendo o olhar fixo em mim, meu pai levou aos lábios as costas da minha mão e a beijou várias vezes. Era sua maneira de dizer: *Fique*

*tranquila, não chore.* Ele estava expressando tristeza, mas também algo mais calmo e profundo, uma mensagem que ele queria deixar clara. Com aqueles beijos, estava dizendo que me amava de todo o coração, que estava orgulhoso da mulher que eu havia me tornado. Estava dizendo que sabia que deveria ter ido ao médico muito mais cedo. Estava pedindo perdão. Estava dizendo adeus.

Naquela noite, fiquei com meu pai até ele adormecer, deixei o hospital na escuridão gelada e dirigi de volta para a Euclid Avenue, onde minha mãe já havia apagado as luzes. Estávamos sozinhas na casa agora, só eu, minha mãe e qualquer futuro a que estivéssemos destinadas. Porque, quando o sol nascesse, ele teria ido embora. Meu pai — Fraser Robinson III — teve um ataque cardíaco e faleceu naquela noite, tendo nos dado absolutamente tudo.

# 11

É DOLOROSO VIVER DEPOIS DA MORTE DE ALGUÉM. Às vezes, você sofre só de andar por um corredor ou abrir a geladeira, calçar um par de meias ou escovar os dentes. A comida não tem gosto. As cores ficam sem graça. A música machuca e as lembranças também. Você olha para algo que, em outra situação, acharia bonito — um céu púrpura ao pôr do sol ou um parquinho cheio de crianças —, e isso de alguma forma só aprofunda a perda. O luto é solitário a esse ponto.

No dia seguinte à morte do meu pai, fomos a uma funerária do South Side — eu, minha mãe e Craig — para escolher um caixão e planejar a cerimônia fúnebre. *Fazer os arranjos*, como dizem nas funerárias. Não me lembro de muita coisa da nossa visita, exceto do quanto estávamos atordoados, cada um de nós tentando lidar com seu luto individual. Ainda assim, enquanto passávamos pelo ritual de comprar a caixa certa para enterrar nosso pai, Craig e eu conseguimos ter nossa primeira e única briga como irmãos adultos.

Eu queria comprar o caixão mais caro e mais luxuoso, com cada alça extra e almofada que um caixão pudesse ter. Não tinha nenhuma razão específica para querer isso. Era apenas algo a se fazer quando não havia mais nada a se fazer. A parte prática de nossa criação não me permitiria dar crédito às palavras de conforto bem-intencionadas

que as pessoas jogariam em cima de nós dias depois no funeral. Não seria fácil me consolar sugerindo que meu pai tinha ido para um lugar melhor ou estava na companhia dos anjos. A meu ver, ele simplesmente merecia um belo caixão.

Craig insistiu que meu pai ia querer algo básico — modesto, prático e nada mais. Isso combinava com a personalidade do nosso pai, disse ele. Qualquer outra coisa seria vistosa e chamativa demais.

Começamos a discutir sem alarde, mas logo explodimos, enquanto o gentil diretor da funerária fingia não escutar e nossa mãe apenas olhava para nós em silêncio, através da névoa de sua própria dor.

Estávamos berrando por motivos que não tinham nada a ver com o caixão. Estávamos tendo uma discussão absurda e inapropriada porque, em consequência da morte, tudo na terra parece absurdo e inapropriado. No fim, enterramos nosso pai em um caixão que não era nem simples nem refinado demais e nunca voltamos a discutir o assunto.

Levamos nossa mãe de carro para casa. Nós três nos sentamos à mesa da cozinha, tristes de novo com a visão da quarta cadeira vazia. Pouco depois, estávamos chorando. Permanecemos sentados pelo que pareceu um longo tempo, soluçando até estarmos esgotados e sem lágrimas. Minha mãe, que pouco havia falado durante todo o dia, por fim fez um comentário.

— Olha só para nós — disse ela, triste.

E, no entanto, havia um toque de leveza em seu jeito de falar. Ela estava chamando a atenção para o fato de que nós, os Robinson, havíamos sido reduzidos a uma verdadeira e ridícula bagunça — as pálpebras inchadas e o nariz escorrendo, a dor e o estranho sentimento de desamparo ali em nossa própria cozinha. Quem éramos

nós? Será que não sabíamos? Ele não nos tinha mostrado? Nossa mãe estava nos chamando de volta de nossa solidão com quatro palavras contundentes, como só ela era capaz de fazer.

Mamãe olhou para mim e eu olhei para Craig, e de repente o momento pareceu um pouco engraçado. Sabíamos que a primeira risadinha normalmente teria vindo daquela cadeira vazia. Aos poucos, começamos a rir, até finalmente descambar em um desenfreado ataque de gargalhadas. Sei que parece estranho, mas éramos muito melhores em rir do que em chorar. A questão era que meu pai teria gostado que fosse desse jeito, por isso nos entregamos às risadas.

PERDER MEU PAI fez com que eu sentisse que não havia tempo para ficar sentada à toa, me perguntando que rumo a minha vida deveria tomar. Meu pai tinha apenas 55 anos quando morreu. Suzanne tinha 26. A lição era simples: a vida é curta e não deve ser desperdiçada. Se eu morresse, não queria que as pessoas se lembrassem de mim pelas pilhas de pareceres jurídicos e petições que escrevi ou as marcas registradas e propriedades corporativas que ajudei a defender. Eu estava convicta de que tinha algo mais para oferecer ao mundo. Era hora de tomar uma decisão e agir.

Ainda sem saber direito para onde esperava ir, digitei cartas de apresentação e as enviei para pessoas de toda a cidade de Chicago. Felizmente, algumas pessoas responderam, convidando-me para almoçar ou para uma reunião, mesmo não tendo trabalho a oferecer. Fiquei frente a frente com qualquer pessoa que julgasse capaz de me aconselhar. A questão era menos encontrar um novo emprego e mais ampliar minha compreensão do que era possível fazer e de como outros haviam feito. Eu estava percebendo que a fase seguinte da

minha jornada não despontaria magicamente por si só, que meus sofisticados diplomas acadêmicos não me levariam automaticamente a um trabalho gratificante e recompensador. Encontrar uma carreira, em oposição a um emprego, não decorre apenas da leitura minuciosa das páginas de contato de um diretório de ex-alunos, exige reflexão e esforço mais profundos. Eu precisaria me mexer, dar o máximo e aprender. E assim, um sem-número de vezes, expus meu dilema profissional para as pessoas que conheci, interrogando-as sobre o que faziam e quem conheciam. Perguntei a todo mundo em que consegui pensar que tipo de trabalho poderia estar disponível para uma advogada que, na verdade, não queria exercer a advocacia.

Muitas pessoas se ofereceram para conversar comigo. Certa tarde, visitei o escritório de um homem simpático e atencioso chamado Art Sussman, advogado da Universidade de Chicago. Descobri que minha mãe havia passado um ano trabalhando como secretária dele, quando eu estava no segundo ano do ensino médio, antes de ter aceitado o emprego no banco. Art ficou surpreso ao saber que eu nunca tinha visitado a minha mãe no trabalho — que até então eu jamais havia colocado os pés no campus da universidade, apesar de ter passado a infância e a adolescência a poucos quilômetros dali.

Para ser sincera, não havia razão para eu visitar o campus. A escola do meu bairro não organizava excursões para lá. Se havia eventos culturais abertos para a comunidade quando eu era criança, minha família não sabia. Não tínhamos amigos — nem mesmo conhecidos — que fossem alunos ou ex-alunos. A Universidade de Chicago era uma instituição de elite, e para a maioria das pessoas que eu conhecia quando criança, elite significava *não é para nós*. Seus edifícios de pedra cinza tinham quase literalmente as costas voltadas para as ruas

ao redor do campus. Passando de carro, meu pai costumava revirar os olhos para os rebanhos de estudantes que infelizmente atravessavam a Ellis Avenue fora da faixa de pedestres, perguntando-se como pessoas tão inteligentes nunca tinham aprendido a respeitar os sinais de trânsito ao cruzar uma rua.

Como muitos moradores do South Side, minha família tinha uma visão limitada da universidade, embora minha mãe tivesse passado um ano feliz trabalhando lá. Quando chegou a hora de eu e Craig correremos atrás de faculdade, sequer pensamos em nos inscrever na Universidade de Chicago. Princeton, por alguma razão, nos pareceu mais acessível.

Ouvindo tudo isso, Art ficou incrédulo.

— Você realmente nunca esteve aqui? — perguntou-me ele. — Nunca?

— Não, nem uma única vez.

Era estranhamente poderoso dizer isso em voz alta. Nunca tinha pensado muito nessa ideia antes, mas me ocorreu que eu teria sido uma ótima aluna da Universidade de Chicago, se tivesse sabido da universidade e se a universidade soubesse de mim. Eu me dei conta de que havia algo com que poderia contribuir. Ser negra e do South Side me ajudava a reconhecer problemas que um homem como Art Sussman sequer sabia que existiam.

Muitos anos depois, eu teria a minha chance de trabalhar para a universidade e lidar diretamente com alguns desses problemas de relações com a comunidade, mas naquele momento Art estava gentilmente se oferecendo para espalhar meu currículo.

Art não tinha um trabalho para mim, mas me apresentou a alguns amigos, dando início a uma cadeia de eventos decisiva que me levou a



alguém que foi muito importante na minha vida: Valerie Jarrett. Ela era do South Side, como eu, e acabou mudando minha vida não apenas uma vez, mas várias.

Valerie Jarrett era a recém-nomeada chefe adjunta do gabinete do prefeito de Chicago e tinha relações profundas em toda a comunidade afro-americana da cidade. Ela era inteligente o bastante para conseguir um emprego numa empresa renomada depois de terminar a faculdade de direito e, em seguida, teve autoconsciência suficiente para perceber que não gostava daquilo. Foi para a prefeitura em grande parte porque se inspirou em Harold Washington, que havia sido eleito prefeito em 1983, quando eu me mudei para cursar a faculdade. Ele foi o primeiro afro-americano a ocupar o cargo. Meus pais o amavam pela maneira como conseguia se comunicar com pessoas comuns, por sua capacidade de citar Shakespeare em seus discursos e pelo famoso entusiasmo com que se enchia de frango frito em eventos comunitários no South Side. O mais importante, porém, era que ele não gostava dos líderes democratas que havia muito governavam Chicago. Eles concediam os maiores contratos urbanos a doadores de campanha e, via de regra, mantinham negros a serviço do partido, mas raramente permitiam que eles avançassem a ponto de assumir cargos oficiais eletivos.

Organizando sua campanha em torno da reforma do sistema político da cidade e de um melhor atendimento aos bairros negligenciados, Washington ganhou a eleição por um triz. Washington era um super-herói negro e inteligente. Frequentemente entrava de peito aberto em embates com os membros da prefeitura, em sua maioria brancos, e era visto como uma espécie de lenda ambulante, especialmente entre os cidadãos negros. Seus ideais

visionários haviam sido uma inspiração inicial para Barack, que chegou a Chicago para trabalhar como organizador comunitário pouco depois de Washington ter sido eleito.

Valerie também foi atraída por Washington. Ela se juntou à equipe dele no início do segundo mandato. Mãe de uma menina pequena, logo depois se divorciaria. Apesar das dificuldades, Valerie aceitou a redução salarial ao trocar um escritório de advocacia renomado pela prefeitura. E meses depois de ela começar em sua nova função, aconteceu uma tragédia: Harold Washington teve um abrupto ataque cardíaco e morreu. O conselho municipal nomeou um conselheiro negro para o lugar de Washington, mas seu mandato foi relativamente curto. Na eleição seguinte, foi escolhido Richard M. Daley, filho de um ex-prefeito tido por muitos como patrono do famoso sistema de compadrio de Chicago. Para os afro-americanos, foi um triste retorno à antiga política branca local.

Embora tivesse preocupações com o novo governo, Valerie decidiu permanecer na prefeitura, transferindo-se do departamento jurídico diretamente para o gabinete do prefeito Daley. Sentia-se feliz por estar lá. Ela descreveu para mim como foi um alívio passar do direito corporativo para o governo e como se sentia energizada trabalhando com o que lhe parecia ser o mundo real.

O prédio da prefeitura de Chicago e da sede do condado é um monólito de granito cinza com teto plano e onze andares que ocupa um quarteirão inteiro. Conforme descobri no quente dia de verão em que fui até lá conhecer Valerie para uma entrevista de emprego, a prefeitura vivia lotada de gente.

Havia casais formalizando o casamento civil e gente tirando licença para carros. Havia pessoas apresentando reclamações sobre buracos,

registrando queixas sobre seus senhorios, as redes de esgoto e tudo o mais que, para elas, a cidade poderia melhorar. Havia bebês em carrinhos e velhinhas em cadeiras de rodas. Havia jornalistas e lobistas, e também sem-teto que queriam apenas escapar do calor. Na calçada em frente ao prédio, um grupo de ativistas empunhava cartazes e bradava bordões, embora eu não consiga lembrar qual era o motivo da zanga. O que sei é que me senti surpreendida e fascinada pelo caos desajeitado e controlado. A prefeitura pertencia ao povo. Era barulhenta e agitada, muito diferente do escritório em que eu trabalhava.

Naquele dia, Valerie havia reservado vinte minutos para conversar comigo, mas o papo acabou se estendendo por uma hora e meia. Uma afro-americana magra de pele clara, vestida em um terninho muito bem cortado, de voz suave e calma, com olhos castanhos de olhar firme e uma impressionante compreensão dos mecanismos de funcionamento da cidade. Ela gostava do trabalho, mas não escondia como trabalhar com o governo podia ser difícil. Algo nela causou em mim uma instantânea sensação de relaxamento. Anos mais tarde, Valerie me disse que, para sua surpresa, naquele dia eu tinha conseguido reverter o processo-padrão de entrevistas — fornecera a ela algumas informações básicas e úteis a meu respeito, mas, de resto, eu é que a interrogara, ávida por compreender absolutamente tudo o que ela sentia com relação ao trabalho que fazia e até que ponto o prefeito era receptivo às ideias de seus funcionários. Eu queria descobrir se aquele trabalho era adequado para mim, da mesma forma como ela estava testando se eu era adequada para o trabalho.

Fiz muitas perguntas a Valerie, aproveitando o que parecia ser uma rara oportunidade de falar com uma mulher cuja história espelhava a

minha, mas que estava alguns anos à minha frente em termos profissionais. Valerie era calma, ousada e sábia de formas que poucas pessoas que eu conhecia eram. Era alguém com quem você aprende, alguém de quem é bom ficar perto. Notei isso imediatamente.

Antes de eu ir embora, Valerie me ofereceu um emprego: me convidou para integrar sua equipe como assistente do prefeito Daley, a começar assim que eu estivesse pronta. Eu deixaria de exercer a advocacia. Meu salário seria mais ou menos metade do que eu ganhava. Ela me instruiu a tirar um tempo e pensar se eu realmente estava preparada para esse tipo de mudança. Eu precisava refletir e decidir se queria dar esse salto.

Nunca fui de ter a prefeitura na mais alta estima. Sendo negra e tendo crescido no South Side, não botava muita fé na política. Tradicionalmente a política havia sido usada contra os negros, como meio de nos manter isolados e excluídos, subalimentados, desempregados e mal remunerados. Meus avós tinham vivido em meio ao horror das leis segregacionistas e à humilhação da discriminação habitacional, por isso desconfiavam basicamente de qualquer tipo de autoridade (Southside, como você deve lembrar, achava que até o dentista tinha alguma coisa contra ele e estava a fim de pegá-lo). Meu pai, que durante a maior parte da vida foi funcionário público municipal, tinha exercido a função de representante distrital do Partido Democrata para poder pelo menos ser cogitado para promoções no trabalho. Ele gostava do aspecto social de suas atividades como representante distrital, mas sempre se incomodara com a política de favoritismo executada pela prefeitura.

Mas ali estava eu, de repente pensando na possibilidade de assumir um cargo na prefeitura. Tremia de medo só de pensar na redução

salarial, mas a oportunidade que Valerie me oferecera me atraía. Era um futuro totalmente diferente do que eu tinha planejado. Eu estava quase pronta para dar o salto, mas faltava uma coisa. Já não se tratava mais de mim. Quando Valerie me ligou dias depois para reiterar a oferta, eu lhe disse que ainda estava pensando na proposta. Então fiz uma última pergunta, que provavelmente soou estranha na hora:

— Eu poderia também, por favor, apresentar você ao meu noivo?

ACHO QUE AQUI DEVO VOLTAR UM POUCO. Barack tinha ido para Chicago para ficar comigo o máximo que podia por ocasião do enterro do meu pai antes de retornar a Harvard para terminar a faculdade. Depois da formatura, no fim de maio, ele encaixotou suas coisas, vendeu o carro amarelo-banana e voltou para Chicago, instalando-se na Euclid Avenue comigo. Eu o amava. Me sentia amada por ele. Passamos quase dois anos como um casal de longa distância e agora, finalmente, poderíamos ser um casal de curta distância. Poderíamos jantar nas noites de segunda e terça, e nas noites de quarta e quinta também. Poderíamos comprar mantimentos e dobrar a roupa lavada vendo TV. Nas muitas noites em que eu ainda ficasse chorosa pela perda do meu pai, agora Barack estava lá para me reconfortar.

Barack estava aliviado por ter terminado a faculdade e ansioso para começar a trabalhar. Também tinha vendido sua ideia de um livro de não ficção sobre etnia e identidade para uma editora nova-iorquina, o que, para alguém que adorava livros como ele, parecia uma enorme conquista. Ele recebeu um adiantamento e tinha cerca de um ano para escrever o livro.